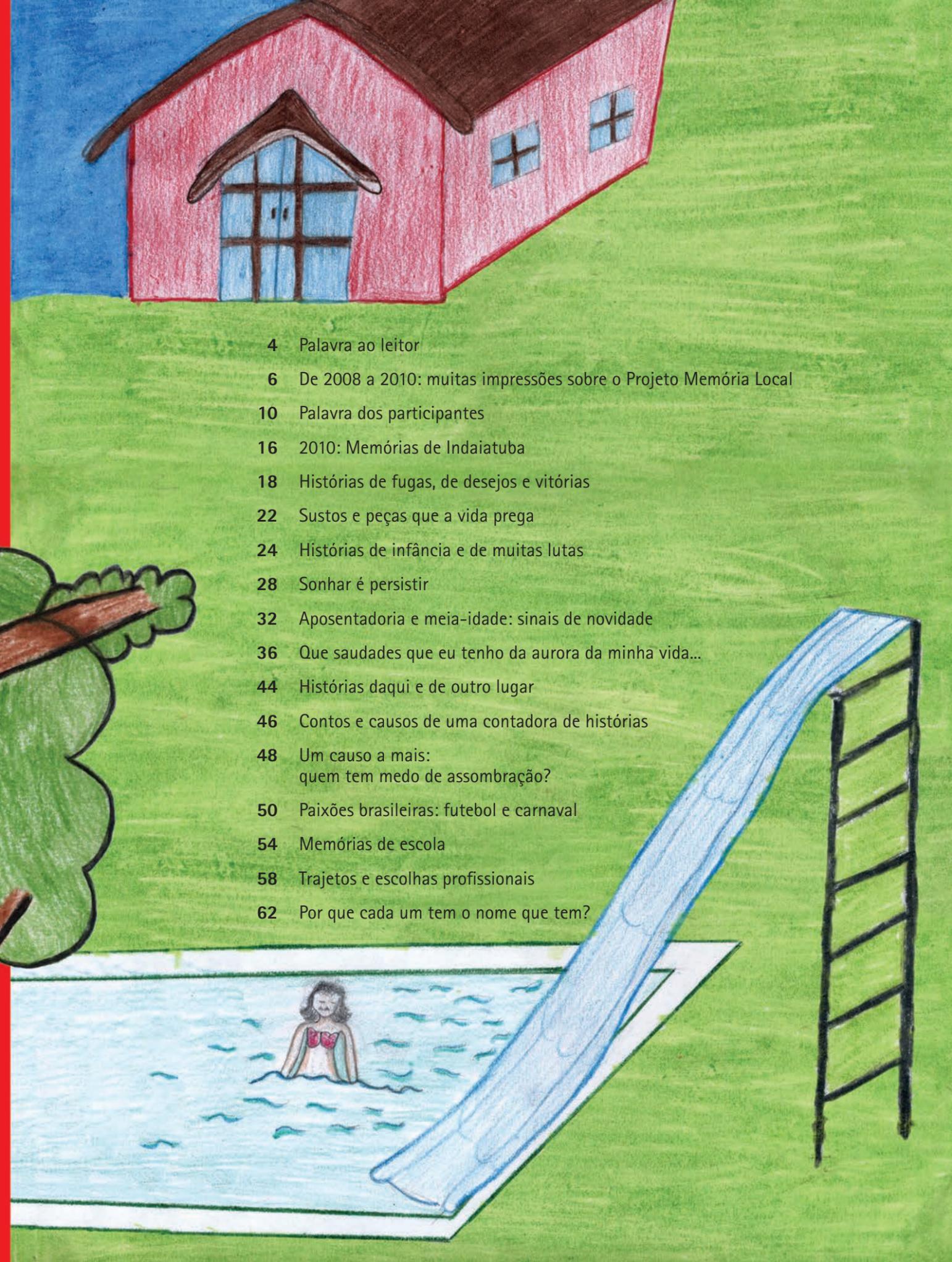


# INDAIATUBA

EM REVISTA

Novos olhares para  
a cidade e seus  
moradores





- 4 Palavra ao leitor
- 6 De 2008 a 2010: muitas impressões sobre o Projeto Memória Local
- 10 Palavra dos participantes
- 16 2010: Memórias de Indaiatuba
- 18 Histórias de fugas, de desejos e vitórias
- 22 Sustos e peças que a vida prega
- 24 Histórias de infância e de muitas lutas
- 28 Sonhar é persistir
- 32 Aposentadoria e meia-idade: sinais de novidade
- 36 Que saudades que eu tenho da aurora da minha vida...
- 44 Histórias daqui e de outro lugar
- 46 Contos e causos de uma contadora de histórias
- 48 Um causo a mais:  
quem tem medo de assombração?
- 50 Paixões brasileiras: futebol e carnaval
- 54 Memórias de escola
- 58 Trajetos e escolhas profissionais
- 62 Por que cada um tem o nome que tem?

## PALAVRA ao leitor

**D**e que maneira podemos conhecer a história de uma cidade? Visitando museus, lendo livros sobre a sua história oficial, sua fundação, a origem do seu nome, os seus primeiros moradores? Sim, esse é certamente um jeito de conhecer a história da cidade em que moramos. Mas será o único? Nós temos certeza de que não. E, a cada ano, essa certeza se confirma em cada cidade em que desenvolvemos o Projeto Memória Local na Escola.

O Projeto Memória Local na Escola tem como objetivo valorizar a história de vida das pessoas da comunidade em que é desenvolvido. Por meio de entrevistas de histórias de vida realizadas pelos alunos das escolas participantes, busca-se construir a memória coletiva local, conhecendo a história de vida de seus moradores.

Iniciativa do Instituto Avisa Lá e do Museu da Pessoa, esse projeto tem sido desenvolvido desde 2001. Em todos esses anos, já percorreu 17 municípios, envolveu 30 secretarias de educação, 750 professores, 271 escolas e 20.425 alunos. Além de construir a memória coletiva local, esse projeto é uma ação de formação de professores e de alunos da rede pública de ensino fundamental para o uso da metodologia de registro da memória da cidade.

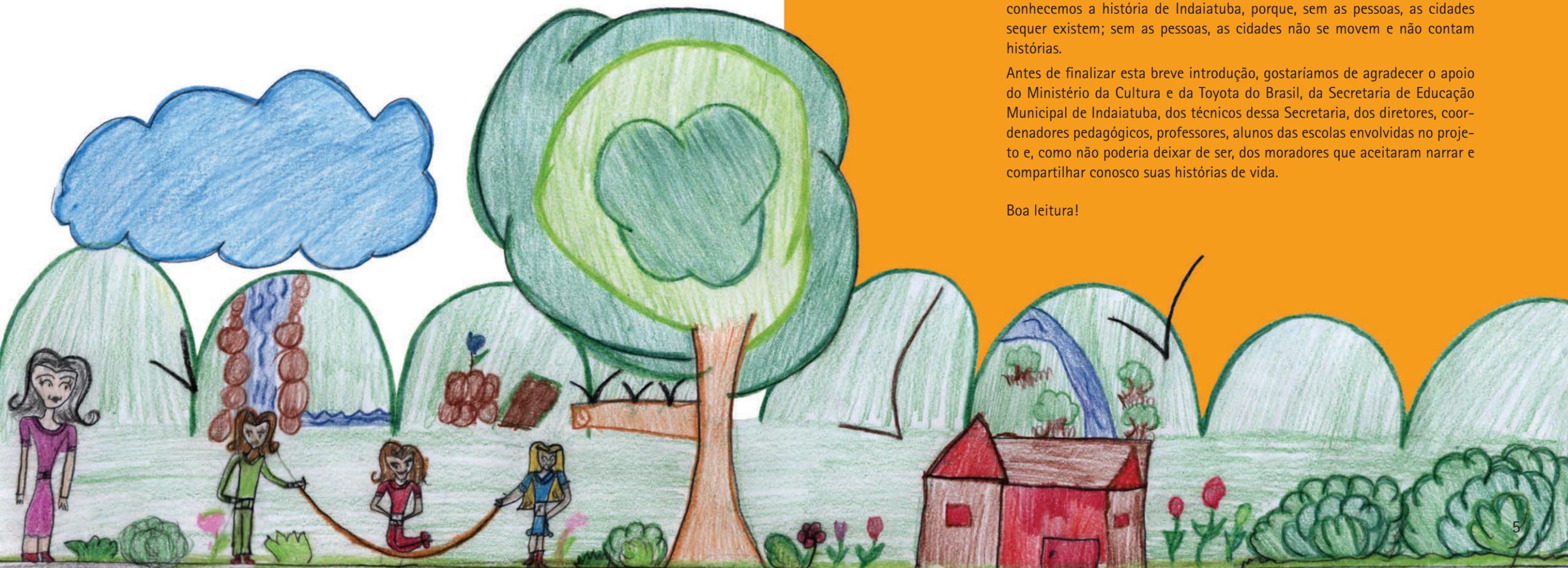
Em Indaiatuba, o projeto teve início em 2008. Ao longo desse ano e de 2009, foram feitas ações em 21 escolas, envolvendo 117 professores e 1.800 alunos. Em 2010, alguns professores foram formados para, no próximo ano, responsabilizarem-se pela formação de novos professores, escolas e alunos, perpetuando, assim, o Projeto Memória Local na Escola em Indaiatuba e garantindo autonomia para que ele seja desenvolvido após as nossas ações de formação.

Neste ano, professores, diretores e coordenadores pedagógicos decidiram veicular as histórias colhidas utilizando-se de uma publicação já conhecida da cidade, procurando integrar ainda mais o Projeto Memória Local à comunidade, devolvendo-lhe o produto mais valioso desse trabalho, que é a história de alguns de seus moradores.

Conhecendo a vida dos moradores, conhecemos Indaiatuba e sua história. Afinal, de que é feita uma cidade, senão também das memórias das pessoas que a habitam? Conhecendo a vida de migrantes em busca de uma vida melhor, de pessoas que nasceram por aqui, de famílias que iniciaram a vida no campo e na lavoura e agora estão na cidade, nós também delineamos e conhecemos a história de Indaiatuba, porque, sem as pessoas, as cidades sequer existem; sem as pessoas, as cidades não se movem e não contam histórias.

Antes de finalizar esta breve introdução, gostaríamos de agradecer o apoio do Ministério da Cultura e da Toyota do Brasil, da Secretaria de Educação Municipal de Indaiatuba, dos técnicos dessa Secretaria, dos diretores, coordenadores pedagógicos, professores, alunos das escolas envolvidas no projeto e, como não poderia deixar de ser, dos moradores que aceitaram narrar e compartilhar conosco suas histórias de vida.

Boa leitura!



DE 2008 A 2010: MUITAS IMPRESSÕES SOBRE O PROJETO  
**MEMÓRIA LOCAL**



O projeto memória local na escola em  
**INDAIATUBA**

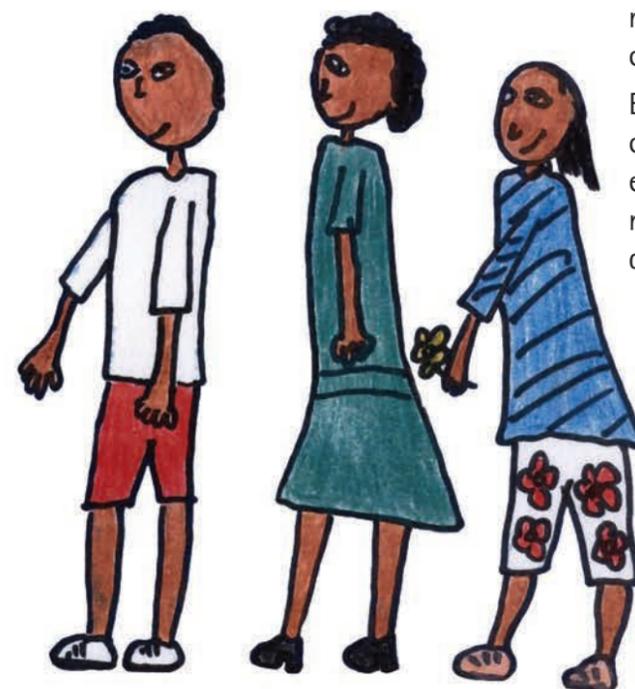
O trabalho com projetos baseia-se na ideia de que o ser humano vive a eterna busca por alcançar seus objetivos.

Desde o momento em que acordamos, realizamos ações visando a um propósito; não há um só movimento voluntário que não esteja atrelado a algo que buscamos.

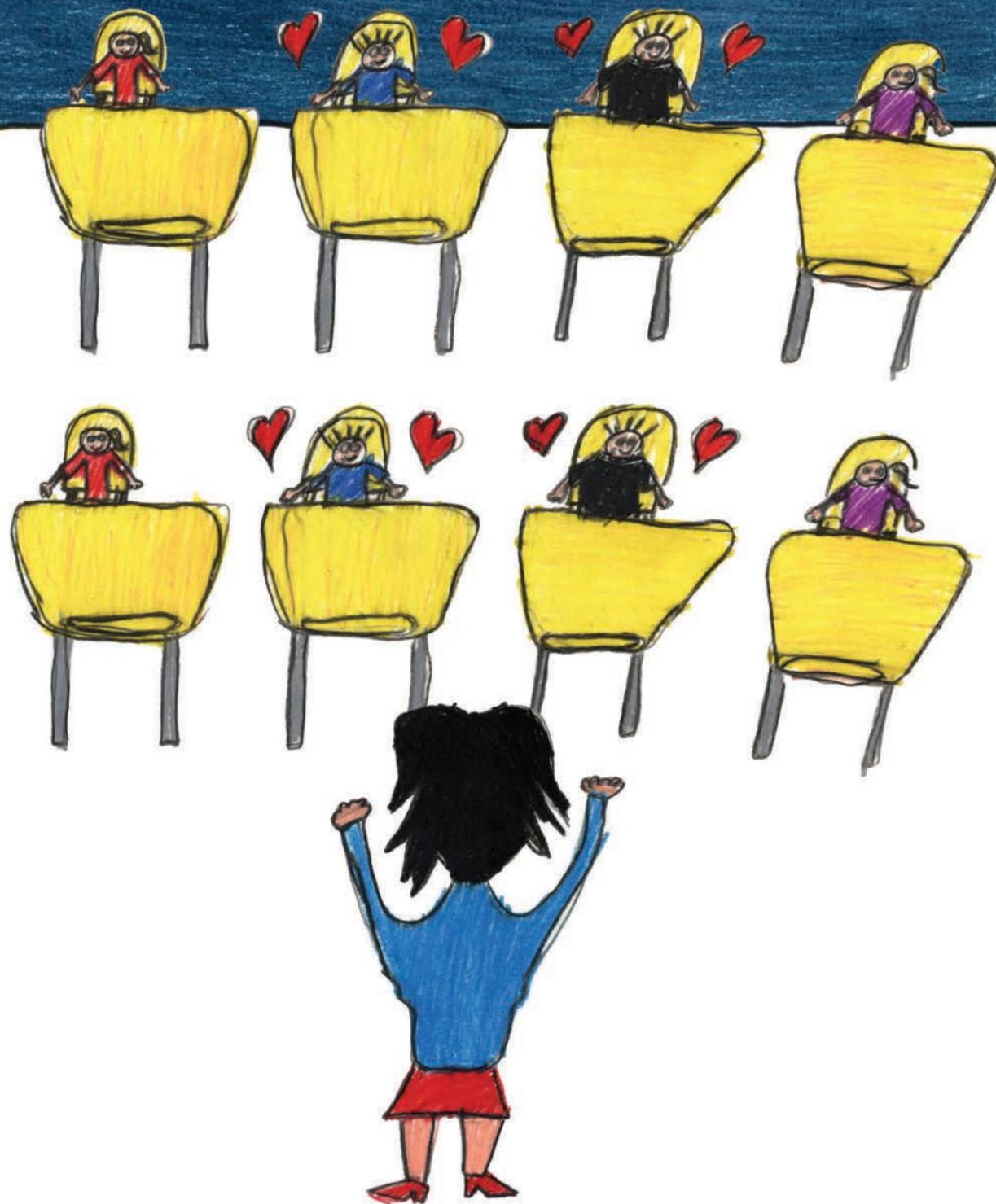
Mesmo cientes disso, até algum tempo atrás a educação escolar levava os alunos a ações sem que eles compreendessem seus objetivos. Passavam anos nas escolas pensando, agindo e vivendo por um único propósito: APRENDER. Mas quantas vezes esses alunos se questionaram "por que tenho que aprender isso?"

Ainda hoje nossos alunos, se questionados sobre o porquê de frequentarem as aulas, certamente responderão que buscam aprender. Porém, o trabalho com projetos permite que, conhecendo o objetivo prático das atividades, os alunos compreendam também o uso de alguns conhecimentos em nosso cotidiano. E, se formamos nossos alunos para esse cotidiano, para atuar ativamente nele, devemos planejar nosso trabalho de forma contextualizada.

Em nossa vida, nossas experiências não esperam que recebamos uma explicação teórica que nos prepare para elas. É justamente o contrário: vivemos situações que nos levam a buscar uma maior compreensão para lidarmos com elas. É essa a relação de aprendizagem que



# PROJETO: MEMÓRIA LOCAL!



os projetos proporcionam. Projetos elaborados com base na realidade dos grupos que os realizarão, e executados com compromisso pela aprendizagem significativa, promovem uma dinâmica de pesquisa, organização, reorganização e registro que, além de possibilitar o trabalho em grupo com divisão de tarefas, uma vez que todos buscam um mesmo objetivo, ainda resulta em ações naturalmente interdisciplinares. Os objetivos pedagógicos planejados pelos professores ficam implícitos, deixando emergir um objetivo do grupo.

É exatamente assim que se caracteriza o Projeto Memória Local na Escola no município de Indaiatuba. Patrocinado pela Toyota do Brasil, esse projeto conta com atividades bem planejadas, contextualizadas e acompanhadas pelo Museu da Pessoa e pelo Instituto Avisa Lá. Nossos professores estudam, pesquisam e se envolvem com a proposta, promovendo situações ricas em aprendizagem de conteúdos, procedimentos, valores...

Uma vez que os propósitos de cada ação do projeto são de conhecimento dos alunos, as atividades de leitura e escrita passam a fazer parte de algo maior; passam a ser um instrumento, um meio de realização e não a finalidade do trabalho. Com isso, os alunos se envolvem e se preocupam com todo o processo, e não apenas com os resultados finais. Sentem-se parte de toda a trajetória porque de fato o são.

Na obra *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, o personagem Gato Risonho, quando questionado por Alice sobre o destino da estrada em que ela estava, respondeu: "Pra quem não sabe aonde quer chegar, qualquer caminho serve."

É isso. Cientes das necessidades pedagógicas de nossos alunos, precisamos definir COM ELES os objetivos do grupo. Objetivos esses que cada integrante tomará como seus, passando a utilizar todas as suas potencialidades e a desenvolver outras, na busca por alcançá-los. À equipe da escola cabe a tarefa de conquistar parceiros e, mais do que fazê-los acreditar na importância do projeto, fazer brotar a paixão necessária às relações de sucesso. Pode não ser fácil, mas com certeza valerá a pena!

Rita de Cássia Trasferetti  
Secretária Municipal de Educação

## PALAVRA dos participantes

Ouvir as impressões de quem fez o dia a dia do Projeto Memória Local não deixa de ser também um registro valioso de sua história. Quais foram os desafios? As dificuldades? As conquistas? O que esse projeto provocou em cada uma de nossas "depoentes" formadoras, professores e alunos? Vamos saber sem demora.



Um bom jeito de começar falando das impressões sobre o projeto seria ouvir uma professora ou um depoente? Que tal os dois numa pessoa só? Esse foi o caso da professora **Deize Clotildes Barnabé**. Olhem só o que ela tem a dizer sobre essa dupla experiência:

■ Participar do Projeto Memória Local me faz lembrar isso com muita saudade e gratidão. Agora é minha vez de contar meus 'causos'. Contar minhas vivências a um grupo de crianças da Escola Padre Joaquim tornou-se uma das experiências mais agradáveis de minha vida. Ao revirar o armário das memórias, os fatos e sentimentos e sensações vão se recompondo, (re)estruturando e tomando novos significados. Partilhar isso com as crianças, ainda, expande a minha pró-

pria memória, à medida que meus sentimentos passam a fazer parte da vida delas, prolongando e ampliando minha própria vida!

Esse projeto é de uma riqueza ímpar. Busca na própria comunidade da escola as fontes da história local, do entorno, do bairro e da própria cidade, ao valorizar as informações dos depoentes, gravá-las e confrontá-las com os dados da atualidade. É uma verdadeira vivência da História por parte das crianças e dos professores. Sem dizer que o fato de as crianças convidarem os depoentes que, de alguma forma, tocam seus interesses faz com que haja entre eles um alto grau de respeito mútuo, que se transforma aos poucos em cumplicidade, pois todos os envolvidos sentem que, de certa forma, estão construindo a história de seu lugar."



Nas palavras de **Lucelaine Borges Zampolin Dias**, assessora de projetos educacionais da Secretaria Municipal de Educação de Indaiatuba, "o Projeto Memória Local na Escola foi apresentado junto a um desafio: escolher professores que, tendo participado do projeto em 2008 ou 2009, e tendo desenvolvido um trabalho de destaque, aceitassem compor o grupo de formação para o projeto em 2011. Para cumprir com essa tarefa de fato, eles precisariam integrar esse grupo, participar com ele da formação em 2010, enfim, tornarem-se também formadores". Segundo Lucelaine isso não foi exatamente um problema, já que seu envolvimento com a proposta se deu imediatamente, como um "amor à primeira vista"! Vamos ler um trecho de seu depoimento sobre a experiência?

■ Além de se tratar de um projeto que, através de sua temática, proporciona o trabalho com leitura, escrita, desenho, história e, mais do que isso, forma os profissionais para esse trabalho, a dinâmica vivenciada por professores e alunos envolve questões da formação do ser humano.

As crianças são levadas a colocarem-se no lugar do outro e perceberem-se, muitas vezes, dentro da história de vida do depoente escolhido.

É incrível como os depoimentos são carregados de emoções. Os alunos percebem que, na narrativa dos depoentes, os fatos que realmente marcaram suas

vidas são aqueles a que hoje, talvez, não damos tanta importância em nossa própria trajetória. A narrativa de um passeio na companhia de uma pessoa querida é tão incrivelmente mágica que nos permite esquecer a marca e o modelo do carro que ocupávamos.

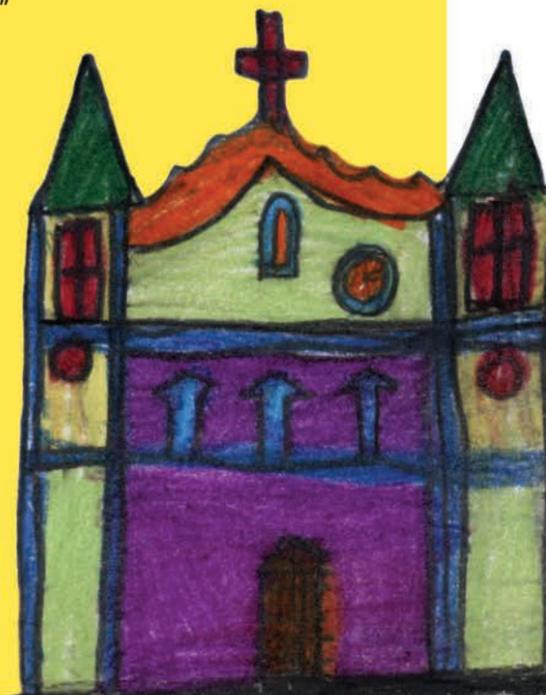
São situações que nos oferecem um forte argumento contra o apelo consumista da mídia; é a prova de que, no final, o SER supera o TER."

Fazendo coro às impressões de Lucelaine, **Kelli Sander**, professora, orientadora pedagógica e participante do projeto, nos revela o que observou desde o início:

■ A cada ano, nossos alunos e professores têm ganhado muito com as contribuições do projeto, pois, afinal, se encantam com as histórias de vida dos depoentes e, ao registrá-las para a elaboração do produto final, fala e escrita se tornam um desafio.

Particularmente, o que mais me chamou a atenção é o envolvimento de todos os participantes nas escolas, pensando e organizando cada detalhe para receber seu depoente e os cuidados que precisam ter para registrar com clareza a história que será compartilhada.

Com o projeto, a escrita ganha funcionalidade diante da necessidade de registrar uma história real. O vínculo afetivo é notório em ambas as partes: depoentes e alunos passam a ter mais uma história para contar – a história do dia em que se conheceram."

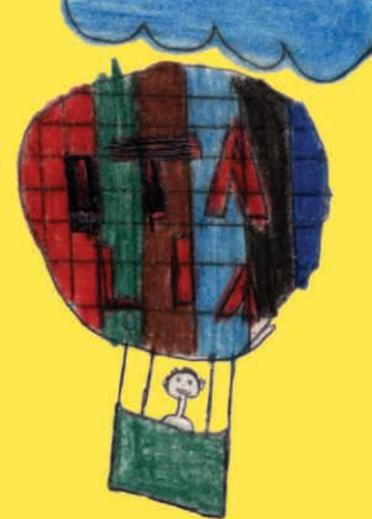
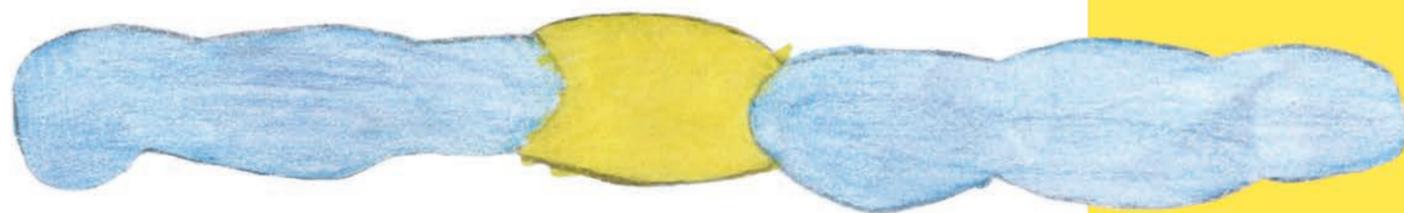


Fernanda Vignoto Scicia de Moraes, professora da rede pública municipal de Indaiatuba há dez anos, teve o primeiro contato com o Projeto Memória Local por meio de seu marido, que foi um dos depoentes do ano de 2008. Sua história, registrada em um livro, possibilitou que muitos conhecidos se aproximassem dele de uma maneira diversa do contato frequente que possuíam, oferecendo novas dimensões de conhecimento, tanto de seu passado, quanto de sua pessoa.

Quando foi convidada a participar do projeto, Fernanda conta que começou o trabalho com bastante compromisso, mas sem grandes expectativas. No entanto, segundo seus próprios dizeres, "aos poucos, fui me apaixonando e desenvolvendo-o cada vez com mais prazer".

Vamos ler um trecho de seu depoimento sobre o projeto?

■ O Projeto Memória Local fez toda a diferença na minha prática pedagógica, principalmente porque tive a possibilidade de renovar as propostas de atividades e de conhecer melhor os meus alunos. Rapidamente, todos estavam extremamente envolvidos com as leituras, os desenhos, as reflexões e as relações interpessoais que permeiam esse trabalho."



Assim como Fernanda, Claudia Roberta Soliani, professora de Artes, participou como formadora em 2010. Sobre a sua experiência, o impacto do projeto nos alunos e sua aprendizagem, ela revela:

■ Participo e acompanho o Projeto Memória Local desde 2008 e o que tenho observado ao longo destes três anos é que o aluno que aprende a registrar memórias, aprende também a se situar melhor dentro dos conteúdos desenvolvidos, estabelece relações entre o que já sabe, com o novo e com outras áreas do conhecimento. No momento em que compartilhamos nossas memórias com outras pessoas, estamos construindo elos de amizade e respeito que nos possibilitam viver plenamente nosso tempo e nos faz pensar e planejar nossas futuras ações."

Dialogando com as impressões de Claudia, a professora Bárbara também definiu as aprendizagens e conquistas que notou em seus alunos: ■ Durante o desenvolvimento do projeto, foi possível observar o envolvimento de cada aluno e o surgimento de uma relação de respeito entre eles, pois cada criança passou a se identificar com a história do outro e a valorizar suas próprias histórias." Além de perceber os ganhos de seus alunos, Bárbara também nos revela o quanto aprendeu sendo uma professora formadora: "Aprendi com as experiências das demais professoras e tive o desafio de multiplicar o projeto."

E, finalmente, abarcando todas as esferas de participação do Projeto Memória Local em Indaiatuba, vamos conhecer o depoimento de Bianca Celão Lopes, aluna participante em 2008:

■ Participar do Projeto Memória Local na Escola foi um presente que todos os alunos deveriam ganhar.

Foi muito divertido ouvir as histórias do Drauzio<sup>1</sup>, e a entrevista com a inspetora Terezinha foi inesquecível. Fazer o baú<sup>2</sup> com objetos marcantes, relatar histórias reais, conhecer a vida de diversas pessoas, foi tudo muito interessante.

Esse projeto foi muito emocionante, pois me ajudou a recordar momentos especiais. Tudo o que vivi foi inesquecível e, sem dúvida, o Projeto vai ficar na minha memória."

1 Drauzio Varella em seu livro *Memórias do Brás*, Coleção Memória e História, Companhia das Letrinhas, parte do acervo de livros indicados pelo Projeto Memória Local na Escola.

2 O Baú de Memórias é uma das atividades do projeto. Nesse baú, os alunos escolhem o que querem guardar, desde objetos pessoais até objetos que os fazem lembrar-se do que viram e viveram durante o projeto (livros, desenhos, fotos etc.).

2010  
MEMÓRIAS DE

# INDAIA TUBA





Entre muitos fatos de sua vida, **Josefa Alves Ferreira Oliveira** contou aos alunos sobre as agruras de sua adolescência e sobre a vontade cada vez maior de morar em Indaiatuba. E não é que ela conseguiu? Leiam o trecho escrito pelas crianças sobre essa passagem da vida de Josefa:



## Histórias DE FUGAS, DE DESEJOS E VITÓRIAS

Fugir da casa dos pais para uma Indaiatuba querida e sonhada, fugir da casa de uma madrasta nem um pouco maternal... Será que as histórias de fugas só acontecem em contos de fadas, em filmes, novelas? Que nada! Conheça a história de Jô e de Dona Carmem, mulheres corajosas, que fugiram ainda bem jovens em busca de uma vida melhor.



**J**ô não teve adolescência porque seu pai lhe proibia tudo. Ela nunca teve a oportunidade de conhecer a praia, comer pastel na feira, ir ao cinema, pois seus pais não tinham condições para levá-la.

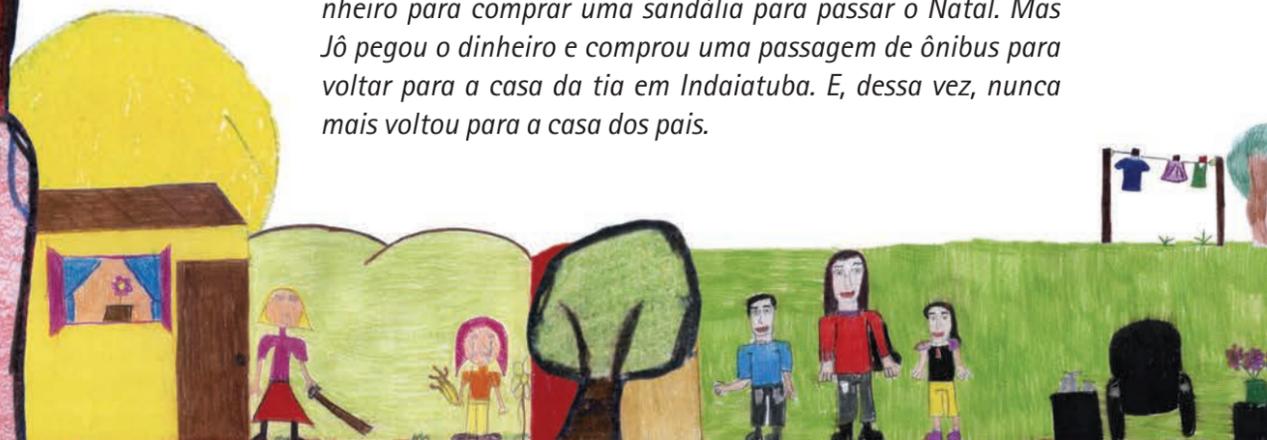
Certa vez, quando Jô estava voltando da escola, um menino entregou-lhe uma carta.

Ao chegar em casa, seu pai a viu muito feliz com um papel na mão. Pegou o papel, abriu e começou a ler. Ele ficou muito bravo ao descobrir que aquele papel era uma cartinha de um menino da sua sala. Rapidamente começou a rasgar a cartinha e a bater na filha.

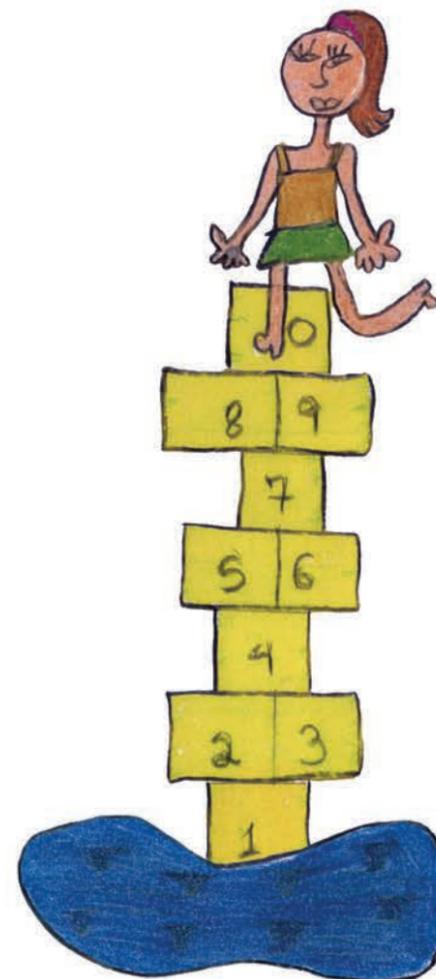
Depois disso, ele a proibiu de ir à escola. Jô se sentiu muito triste, porque amava frequentar a escola.

Após um tempo, ela foi passar férias na casa da tia em Indaiatuba e nunca mais quis voltar para casa. Mas, no dia 20 de dezembro de 1985, sua mãe foi buscá-la e levou-a de volta.

No dia 24 de dezembro daquele ano, sua mãe lhe deu um dinheiro para comprar uma sandália para passar o Natal. Mas Jô pegou o dinheiro e comprou uma passagem de ônibus para voltar para a casa da tia em Indaiatuba. E, dessa vez, nunca mais voltou para a casa dos pais.



**Maria do Carmo Argolo Butt** teve e tem muitos apelidos. Na infância, foi Carminha, para alguns amigos é Tá ou Cai, mas é conhecida pela maioria por Dona Carmem. Em comum com a entrevistada Jô, ela tem uma tentativa de viver uma vida melhor. No caso de Dona Carmem, sua história parece mais um conto de fadas, pois a menina precisou fugir de uma madrasta pra lá de malvada. Olhem só o que as crianças escreveram sobre a história de vida de Dona Carmem:



**Q**uando Dona Carmem tinha 13 anos, sua mãe morreu. Então, ela e seus irmãos foram separados e passaram a viver com outras famílias.

Dona Carmem foi adotada por uma mulher muito rica, que disse que iria lhe dar o que quisesse.

Mas a madrasta era má. Fazia dela uma empregada.

Sempre que a menina saía para brincar, a madrasta cuspiam no chão e dizia que ela teria que voltar antes que o cuspe secasse, se não, iria apanhar.

Dona Carmem se sentia triste e desprotegida, mas tinha uma madrinha querida e bondosa, para quem sempre mandava cartas. Só que quem colocava as cartas no correio era a madrasta, e ela sempre lia o que estava escrito.

Então, Dona Carmem escrevia sempre duas cartas. Em uma delas escrevia que estava tudo bem e que era feliz ali. Na outra, escrevia a verdade... que apanhava e era maltratada. Porém, as cartas verdadeiras nunca chegaram às mãos de sua madrinha, pois ela jamais teve a chance de enviá-las.

Um dia, Dona Carmem perguntou à madrasta:

– Que dia vou ver meus irmãos?

A mulher respondeu:

– Nunca!

Nesse dia, ela chorou muito e percebeu que não podia mais ficar naquela casa.

Elaborou um plano e fugiu. Foi viver na casa da madrinha, onde foi muito feliz e amada.

Mas, antes de fugir, se vingou da madrasta quebrando toda a louça da cozinha.



## SUSTOS E PEÇAS que a vida prega

Sabemos que na vida nem tudo é um mar de rosas... Às vezes, passamos apuros, levamos sustos e precisamos dar a volta por cima de situações difíceis e inesperadas. Passagens que certamente deixam marcas, mas que também envolvem conquistas e superações. Neuza Furlan teve um momento desses na vida, uma história que marcou sua infância.



Neuza Furlan Tomazetto nasceu em Vinhedo, São Paulo, numa época em que era comum nascer em casa, pelas mãos de parteiras. E sabem quem fez o parto de Neuza? A sua avó. Da infância, Neuza lembra-se de uma vida simples, ajudando os pais no sítio em que moravam, cuidando do cultivo da uva e da confecção de cortinas com sacos de farelo. Mas houve um momento difícil lembrado até hoje.

O fato que mais marcou sua infância e foi também muito triste aconteceu quando ela tinha dez anos de idade, com seu pai, uma pessoa muito enérgica, agitada e que não levava desaforo para casa. Certo dia, ele foi ao bar acompanhado de um amigo. Nesse mesmo local, havia um senhor também bastante agressivo e que lhe acertou uma "gusparada". Seu pai não pensou duas vezes: pegou uma banquetta que havia ali e soltou na cabeça daquele senhor, que durante dois meses permaneceu internado na UTI.

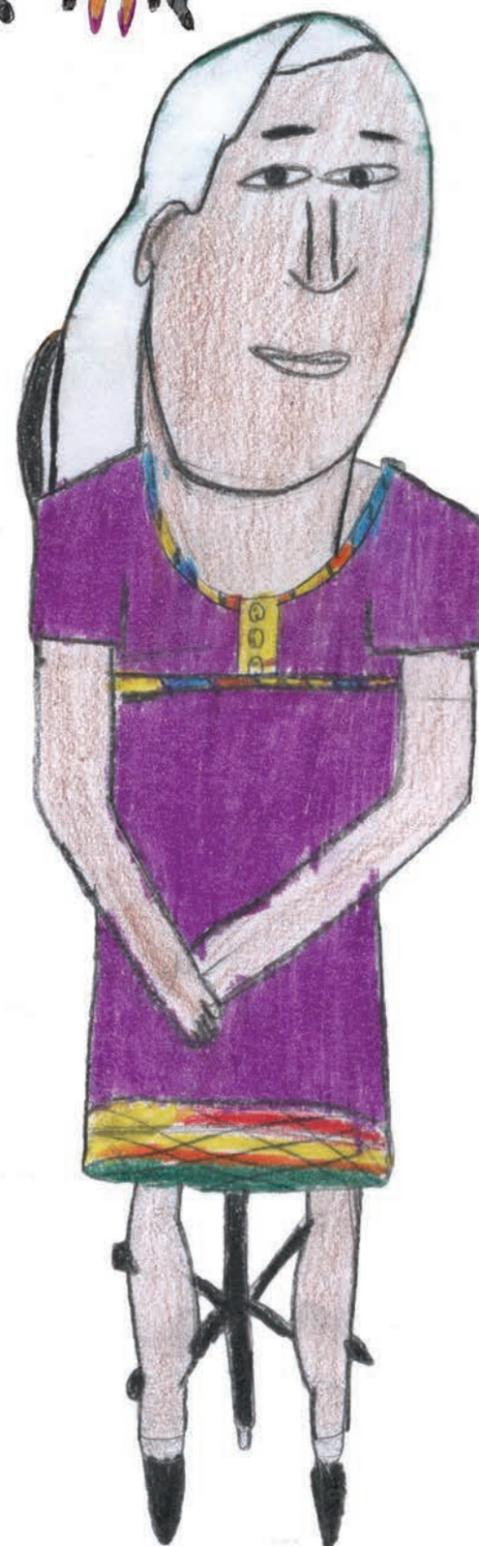
Seu pai chegou em casa dizendo que achava ter matado um homem. Ela estava em seu quarto e viu quando os policiais chegaram na sua casa armados

para levarem seu pai. Nesse momento, sua mãe, uma heroína, implorou para que não o levassem, e assim o fizeram.

Mas, como tudo na vida passa, tempos depois, a família, recuperada do susto, doou o terreno onde hoje é a escola das crianças que entrevistaram Dona Neuza e que nos escrevem:

Em 1967 sua família fez a doação do terreno para a construção da escola, da sociedade de bairro, do campo e da igreja. Foram construídas duas salas de aula, dois banheiros e uma cozinha bem pequena. Com muita ajuda da comunidade juntamente com a prefeitura, conseguiram o poço artesiano e também a ampliação da escola.





## HISTÓRIAS

de infância e de muitas lutas



Uma infância passada com muitas dificuldades, ainda que divertida e cheia de brincadeiras. Alguns entrevistados contaram sobre grandes penúrias passadas quando eram crianças: poucos brinquedos, poucas roupas e uma vida conquistada dia a dia. Mas há que se dizer que valeu a pena. É o que contam Regina Célia Esperini Gerbelli e Rosa Celestina da Silva.



Uma vida regrada e simples também fez parte da infância e juventude de **Rosa Celestina da Silva**, que desde pequena aprendeu a cuidar da plantação de algodão, ajudando seus pais nesse cultivo:

**R**osa Celestina da Silva nasceu e cresceu na cidadezinha de Andirá, localizada no norte do Paraná, em 27 de maio de 1961.

Filha de Ana Felipe Neli e Isalino Celestino da Silva, pequenos lavradores que cultivavam algodão, arroz e feijão, viveu no sítio com seus dez irmãos.

Na sua infância, tinha o sonho de ser freira, mas com o tempo mudou de ideia e começou a apreciar a profissão de enfermeira.

Para chegar ao grupo escolar, ela, os irmãos e os amigos iam a pé, porque a unidade escolar era muito longe, situada em um sítio. Frequentavam a escola durante o período da tarde e de manhã trabalhavam colhendo algodão para auxiliar a família. Na hora da merenda, Rosa e seus irmãos comiam o lanche, depois se dirigiam a uma vendinha em frente à escola. Lá, eles conversavam com os colegas e também com pessoas que se encontravam no local.

Sua infância foi marcada por brincadeiras no interior do espaço escolar. Dona Rosinha adorava brincar de queimada e pular corda, o único momento de diversão que tinha naquele tempo. Quando retornava da aula, chegava à sua casa de noite, jantava e ia dormir.

Na adolescência, migrou aos 16 anos para a cidade de Indaiatuba. Sua vida mudou completamente. Não havia tempo para diversão; seus pais não a deixavam sair de casa, a vida social girava em torno da igreja. A partir daí, passou a ter contato diretamente com crianças, transmitindo a elas seus conhecimentos sobre a Bíblia e outros ensinamentos.

Seu primeiro emprego remunerado foi em uma fábrica de costura. Trabalhava na linha de preparação, onde era responsável por fazer moldes para a montagem de peças. O primeiro salário destinou-se aos pais, para ajudar na sustentação dos irmãos menores.



Regina Célia contou aos alunos vários episódios de sua infância, vividos em Santo André, cidade em que nasceu e onde morou até o final de sua adolescência, quando veio para Indaiatuba.

Regina Célia passou parte de sua infância ao lado de seus familiares, parentes e amigos de Santo André, São Paulo, morando em uma casa bastante pequena e humilde, que era construída nos fundos de um terreno e não possuía muro nem portão. Sua frente era toda de terra, portanto com bastante área para brincar.

O quintal todo de terra não tinha infraestrutura; havia algumas árvores, jardins e uma horta no fundo da casa. Seus pais gostavam muito de cultivar a terra e plantar para ajudar no sustento do lar. Também tinham alguns animais, como porcos, galinhas, coelhos e um cachorrinho da raça pequinês.

Ela se divertia muito brincando com os coelhos. O que a deixava muito triste é que os coelhos eram criados por seus pais para serem vendidos e alguns também serviam de alimento para a própria família.

Seu pai aproveitava o couro do coelho, curtindo-o e utilizando-o posteriormente em golas e punhos de roupas. Isso a entristecia muito; em alguns momentos, acabava até chorando.

Entre muitas lembranças, teve uma que marcou muito sua infância, aliás, já estava entrando na adolescência. Foi na formatura de 8º série, e seu maior sonho era ir ao baile, pois seria o seu primeiro.

Ela, portanto, queria muito um vestido longo e um sapato de salto, mas, como sua família era muito pobre, não havia conseguido realizar alguns de seus sonhos de consumo.

Para se ter noção das dificuldades enfrentadas na época, Regina conhecia de calçado apenas o chinelo e a Conga; as roupas que usava para passear e ir à missa aos domingos eram uma calça vermelha e a blusa do uniforme escolar. Sua mãe retirava o emblema da escola fixado por alguns botões na blusa e, assim, ela se tornava uma bela roupa de passeio.



Já não tendo muitas opções de roupa, certo dia, ela foi levar torresmo para o seu tio e, no caminho, caiu e rasgou sua única calça vermelha. Como a necessidade aumenta a criatividade e também faz parte do cenário da vida, sua mãe, de forma bastante original, acabou consertando-a: costurou sobre o "rasgo" um emblema de bichinho, que acabou ficando como um enfeite e, dessa forma, Regina pôde usar a calça ainda por muito tempo.

Sua mãe era empregada doméstica, trabalhava para ajudar no sustento da casa e também buscava ajudar na realização do sonho da filha, que era ter um vestido longo e um sapato de salto. Por isso, sugeriu que Regina fosse trabalhar com ela de empregada. Dessa forma, poderiam comprar o vestido e o sapato tão sonhado. Regina, por sua vez, aceitou no ato o desafio.

Na época se compravam roupas e tecidos em feiras livres. Sendo assim, mãe e filha foram, já no dia seguinte, a uma feira para comprar o tão sonhado tecido do seu vestido.

Ela gostava muito de roupas claras, então compraram um tecido branco, de seu gosto. Levou para sua tia, que fez o molde e cortou o tecido. Sua mãe foi quem costurou. Depois de pronto, ao experimentar, ela se decepcionou, pois seu vestido ficou parecendo uma camisola por ser todo branco.

Diante do problema, ficaram imaginando: o que poderia ser feito? Aí Regina teve uma ideia. Já que tinha aprendido a fazer crochê, comprou linha prateada e fez o corpinho do vestido de crochê. Com a sobra ainda fez uma echarpe. Ela estava muito feliz, mas ainda faltava o sapato.

Foi até o sapateiro para comprar um sapato usado. Embora tivesse apenas um branco, que ainda ficou um pouco grande, nem se importou e pediu para pintar de prata. O conserto e o sapato ficavam em 5 cruzeiros, mas ela só tinha 3... Ela e a mãe conversaram com o sapateiro e foram trabalhar mais uma pouco para conseguir os cruzeiros que faltavam.

Quando foi buscar o sapato, teve uma grande surpresa. O sapateiro, sabendo das dificuldades da família, deu-lhe o sapato de presente! Enfim, chegou o grande dia. Ela estava muito feliz: se não fosse o vestido mais bonito do baile, estava entre os mais belos.

## SONHAR

é persistir

Todo mundo tem ou já teve um sonho na vida. Ou vários. Alguns viram projetos de verdade, de carne e osso. Mas, para que isso aconteça, normalmente é necessária certa dose de persistência. Afinal, nem sempre aquilo com que sonhamos é o que temos mais à mão.



Lóris Alberto Lima precisou perseverar em seus sonhos e dar a volta por cima. Ele começou vendendo sorvetes, mas teve sucesso na vida fabricando fantasias para seus clientes. As conquistas foram bem-vindas, mas ainda resta espaço para outros sonhos.

**A**inda bem jovem, o primeiro emprego de Lóris foi como vendedor de sorvetes. Vendia picolés na rua. Com seu primeiro salário, comprou doces e brinquedos, que eram as coisas de que mais gostava.

Sua mãe era quem arrumava os seus empregos. Num deles, Lóris lembra bem, ele tinha que limpar geladeiras. Lixou uma e disse ao patrão que "ia logo ali e que já voltava"; o dono da loja está esperando por ele até hoje!

Na década de 90, Lóris montou uma fábrica de fantasias, passou por momentos de crise e acabou falindo. Mas seu espírito perseverante não se deixou abater! Depois de trabalhar em algumas indústrias, resolveu montar novamente a sua fábrica de fantasias. Deu certo! Hoje fabrica fantasias para adultos e crianças de todo tipo em seu prédio de três andares. O comércio vai muito bem e Lóris tem planos de expansão dos negócios. Além de trabalhar muito, Lóris gosta de passear na sua moto e, como pastor voluntário, gosta de cuidar de uma clínica de recuperação de dependentes químicos, a CTCV. A clínica foi fundada em outubro de 2007, quando ele percebeu que pessoas, algumas muito próximas, estavam bastante doentes. Mas Lóris ainda tem um grande sonho, que já começa a se realizar: quer ser psicólogo, e assim poder ajudar ainda mais os meninos da clínica.

Iracema de Oliveira Leal também contou sobre seus sonhos realizados, que os alunos transformaram em poesia.

*No Dia do Folclore  
Esta história começou...  
Nasceu Iracema  
Joia rara  
Que neste mundo revelou.  
Roda, roda  
Gira o mundo  
Brincadeira com os irmãos  
- Lá vai a pequena com a vara na mão*

*Um grande tesouro  
Havia em seu quintal  
Frutas maduras  
Do ano-novo  
Até o Natal  
Iracema adorava  
Fazer das árvores  
Seu poleiro  
Cantarolava  
Nelson Gonçalves  
O tempo todo  
O dia inteiro*



### *Dois Sonhos*

*Seus sonhos  
Vinhem embalados  
Na imensidão  
Azul do mar  
Viajar e ser professora  
Não podiam naufragar*

*(...)*

*Quem diria  
Aquela menina  
Seus sonhos realizou  
Voltando para os estudos  
Professora se formou  
Viagens, muitas viagens  
Dentro e fora deste país  
Estados Unidos, Londres  
México...  
- Fantástica Paris!*



## Aposentadoria E MEIA-IDADE: SINAIS DE NOVIDADE?

O que será que pode acontecer quando alguém se aposenta e para de fazer o que sempre fez na vida? Ou quando já vivemos um tanto e uma novidade surge inusitadamente aos 50 anos? Para alguns, esse pode ser um momento de novas oportunidades, de mudanças valiosas na vida e de descobertas até então impensadas. Foi o que aconteceu com Roque Bueno e com Maria Prado Bellon Cyrino.

Para Roque, se não fosse esse momento de parada na vida, ele nunca teria descoberto um talento até então escondido. Vejam só:

**R**oque Bueno viveu muitos anos na cidade em que nasceu, Porto Feliz, onde, num passeio a Capivari, cidade vizinha da sua, conheceu sua esposa.

Assim que se casaram, mudaram-se para Indaiatuba, porém ele se sente mais indaiatubano do que porto-felicense.

Ele conta que, quando chegou na cidade de Indaiatuba, era tudo chão de terra, poucas casas, nenhum prédio e poucas ruas asfaltadas.

Seu Roque e Dona Zenita tiveram dois filhos, uma menina chamada Eliana e um menino chamado Eugênio.

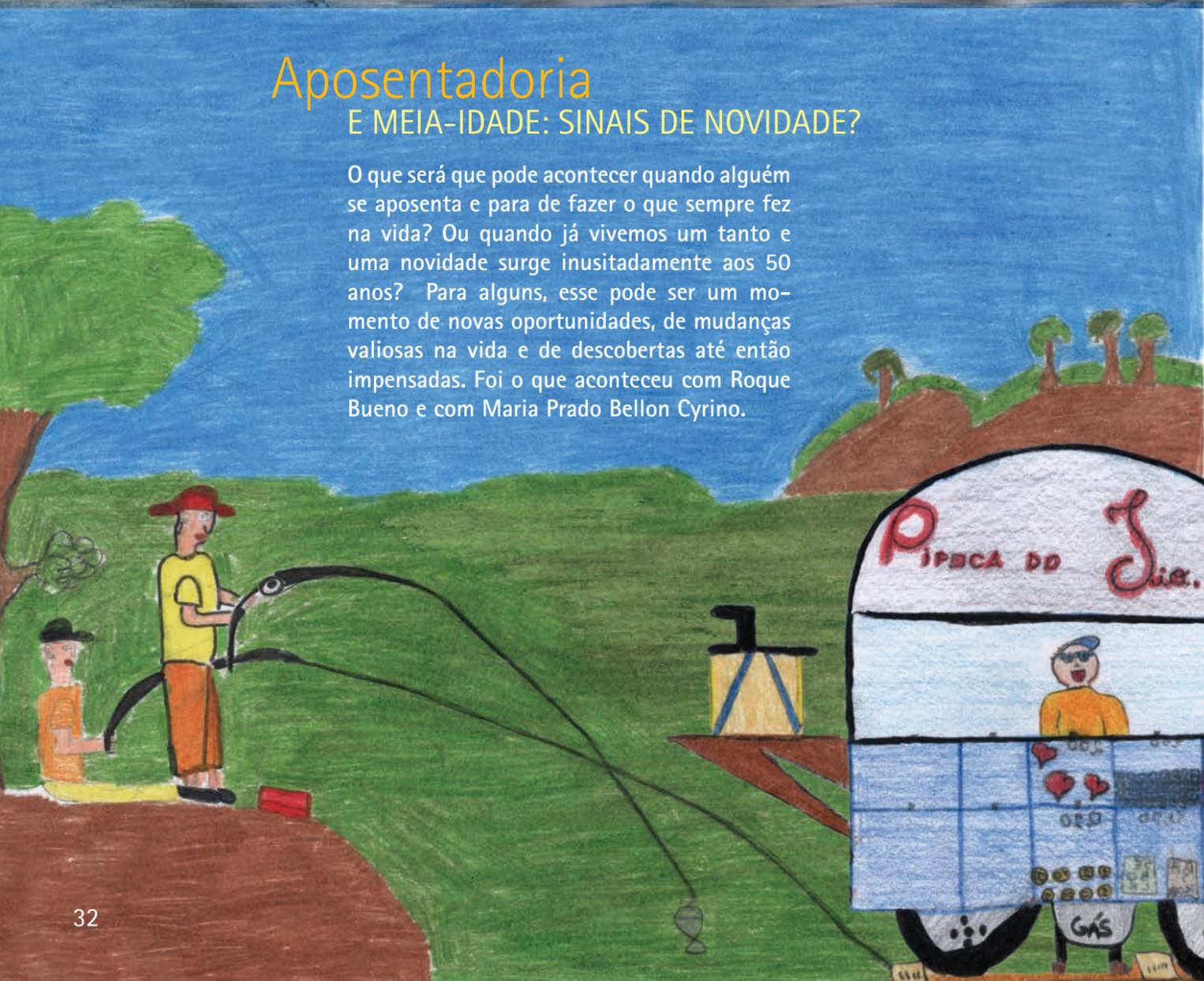
Para ajudar o marido, Dona Zenita começou a costurar para fora. Fazia roupas e consertos. Seu Roque trabalhou de segurança em várias firmas na cidade de Indaiatuba.

Ele se aposentou aos 43 anos na firma Singer, fábrica de agulhas. Com o dinheiro do fundo de garantia que recebeu da empresa, resolveu comprar um carrinho de pipocas.

Sua esposa não gostou muito, pois não achava garantido, mas ele insistiu. E foi com o dinheiro da pipoca, que ficava nos portões das escolas, que sua vida mudou e ele garantiu a faculdade de seus filhos. Eugênio é formado em Engenharia Eletrônica e Eliana em Pedagogia.

As crianças o chamavam de "tio" ou "Seu Zé" e todas gostavam dele pela sua simplicidade e bondade, porque, para aquele que não tinha nenhum dinheirinho e pedia, ele sempre dava uma balinha ou um docinho, para fazer a alegria da garotada.

Durante 15 anos, Seu Roque trabalhou com pipocas, doces e balinhas e conta que o segredo da pipoca salgada é ela estar quentinha, daí todo mundo compra, já com a pipoca doce, o segredo é maior e até hoje ele guarda consigo.





Para **Dona Maria**, uma das surpresas de sua vida veio aos 50 anos, como ela contou às crianças que a entrevistaram:

**T**odas as quartas-feiras, uma senhora muito simpática e alegre chega à escola carregando uma sacolinha com romãs de lã, um tear e uma alegria contagiante para trabalhar como voluntária, ensinando para crianças o artesanato. O nome dela é Maria Prado Bellon Cyrino.

Na infância, morava com seu pai, Diego, sua mãe, Rosa, e seus quatro irmãos: Irineu, Antonio, Rubens e Iria. Ela era a filha mais velha. A casa era bem simples, tinha dois cômodos: um quarto e uma cozinha; o banheiro ficava do lado de fora. Na hora de dormir, em cada cama ficavam dois irmãos. Não havia energia elétrica naquela época.

A menina quase não brincava; ajudava a mãe cuidando da casa e dos irmãos. Aos dez anos, Maria já trabalhava para uma fábrica de botões. Ela pregava os botões em uma cartela de papelão para serem vendidos nas pequenas lojas da cidade. O pai de Maria estava muito doente e não podia trabalhar, por isso ela precisava ajudar a mãe nas despesas da casa, senão a família passaria ainda mais dificuldades.

Dona Maria contou que um dos momentos marcantes da sua juventude foi que, ao completar 18 anos, ela teve seu primeiro bolo de aniversário, para comemorar a maioridade. Foi um momento muito especial.

Em 1979, mudou-se para Santo André, juntamente com sua mãe, pois seus irmãos já estavam todos casados.

Aos 50 anos de idade, Dona Maria viveu outro momento muito importante: casou-se com o Sr. Lourenço Custódio Cyrino, também solteiro e um ano mais velho do que ela. O casamento aconteceu somente no cartório. Eles não tiveram filhos.





## QUE SAUDADES

que eu tenho da aurora da minha vida...

As lembranças da infância já foram tema de uma famosa poesia de Casimiro de Abreu ("Meus Oito Anos") e de uma divertida música de Chico Buarque ("Doze Anos"). Mas quem não tem bons momentos vividos quando criança? E a hora da entrevista virou também momento de saudade da infância querida, que os anos não trazem mais...

Foi bem esse o caso de **Tânia Regina Cataldi Milan**, que relembrou travessuras de uma época em que a criançada podia correr solta em ruas certamente mais calmas.

*A Rua da Pátria como cenário de algumas das travessuras... A menina Tânia morou nessa rua localizada em São Bernardo do Campo, rua essa aparentemente plana, mas com certa curva, onde geralmente aconteciam alguns acidentes, como caminhões virarem e esparramarem suas cargas pelo asfalto. A molecada da rua adorava e fazia uma verdadeira farra; a menina aproveitava o momento de aventura e também se divertia: ia até o local e era uma farra! Imaginem que até caminhão de tinta virava nessa rua.*

*Na escola, suas lembranças retratam uma época em que meninos e meninas se agrupavam em clubes de meninas e de meninos, os conhecidos clubes do "bolinha" e da "luluzinha". As brincadeiras tradicionais são lembranças boas, e as professoras – personagens marcantes – também fazem parte da infância feliz vivida e retratada por Tânia Cataldi.*

Assim como Tânia, Vera Lúcia Ravazzi Souza também têm lembranças marcantes da infância. Vera Lúcia descortina um passado distante, vivido em parte num ambiente rural, palco de uma vida mais tranquila, mas também de muitas traquinagens de criança.

Vera Lúcia foi uma criança muito arteira: corria atrás das galinhas com seus pintinhos, atrás das vacas bravas no pasto, pulava cerca, subia em árvores para depois pular de lá de cima. Algumas travessuras lhe deixaram cicatrizes: moeu o dedinho mínimo na máquina de moer carne; furou o dedo indicador da mão direita mexendo na máquina de costura de sua mãe e, nas costas, traz uma cicatriz devido a uma cerca de arame farpado. Lembra-se muito bem de sua primeira escola, que ficava em um sítio próximo ao que ela morava, e que demorava mais ou menos uma hora para chegar até lá. Vera Lúcia tinha que atravessar outros sítios, caminhar no meio de vários animais e havia também um riacho com uma pinguela, por onde só passava uma pessoa de cada vez.

Naquela escola, era a professora que fazia a merenda para os alunos. Ela só frequentou meio ano. Lembra-se que caiu, quebrou o braço e ficou 40 dias internada no hospital. Depois disso, passou três meses fazendo fisioterapia e precisava ir todos os dias para a cidade. Por esse motivo, acabou perdendo o ano escolar.





**Rosemaire Aparecida Ré**, mais conhecida como Rose, fala de lembranças ainda frescas, mas vividas em uma Indaiatuba bem diferente e distante no tempo.

**Q**uando Rose era pequena, seu pai a levava, junto com seu irmão, para andar de bicicleta na Praça Prudente de Moraes e comprava sorvete, que tomavam sentados no coreto. A família gostava também de ir de noite à praça ver a fonte luminosa toda colorida.

E ainda viajavam na Maria-fumaça, que partia com destino a Elias Fausto, cidade natal da mãe de Rose, com parada na estação de Cardeal. Como toda criança, Rose adorava brincar na rua com seu irmão e amiguinhos de pega-pega, pular corda, mãe da rua, queimada, amarelinha, vôlei. Mas, antes de ir para a rua, tinha que cumprir com os afazeres escolares.

E como a infância costuma render muitas histórias, **Martha de Andrade Barbosa Marinho** também falou sobre esse tempo que os anos não trazem mais. No caso de Martha, a infância também foi o início de uma paixão especial.

**M**artha Marinho, como é conhecida, nasceu em Barretos, cidade atualmente conhecida como a capital do rodeio, e teve uma infância maravilhosa, foi "criança de verdade". Subia em árvores e brincava de balanço pendurado nos galhos. Em sua cidade natal, os animais mais comuns eram os cavalos e os bois. Era uma tradição as famílias se reunirem em desfiles de cavalos pela cidade. Martha lembra também que ia buscar o gado no sítio, com seu avô, com quem passou momentos maravilhosos.

Aos quatro anos de idade, aconteceu algo que mudaria parte de sua vida para sempre. Em um belo dia, quando acordou pela manhã, viu algo enorme em sua sala. Nunca imaginava que teria uma surpresa tão grande! Ficou parada, olhando aquele enorme piano, presente dado pelo seu querido pai. Ela o carrega até hoje e o toca quase todos os dias.





## Histórias DAQUI E DE OUTRO LUGAR

Ao conhecer a vida de alguns moradores de Indaiatuba, conhecemos muitas histórias de nossa cidade. Mas não só daqui, não. O que dizer, por exemplo, de quem já viajou para outros lugares e voltou tendo muitas novidades para nos contar?



Thais Cristiane dos Santos viveu um tempo na África, mais especificamente em Moçambique, e encantou as crianças com suas aventuras e descobertas vividas por lá.

No ano de 2002, Thais iniciou o trabalho voluntário no Manaem, em Indaiatuba, onde trabalhava ajudando os alunos sem ganhar dinheiro, apenas pela vontade de ajudar.

Com seus 31 anos, ficou muito feliz porque conseguiu realizar seu maior sonho e o da igreja que frequentava, que era fazer um trabalho voluntário numa escola em Moçambique, na África, onde ficou trabalhando por dois anos.

Na escola de Moçambique as crianças são bem mais educadas do que as do Brasil. Quando fazem bagunça, elas recebem o castigo de ajoelhar no milho ou levam algumas palmadas.

Foi legal saber que as roupas africanas são diferentes e engraçadas e suas brincadeiras são parecidas com as brasileiras (brincar de elástico e de futebol), quando as crianças têm tempo, pois ajudam muito as mães no trabalho do campo. A comida também é diferente, só o feijão, a polenta ou angu e o refrigerante é que nós conhecemos. Mas lá essas coisas são só em dia de festa, porque é muito caro!

Ficamos admirados com o jeito que as mulheres africanas têm. Elas que pegam peso, acordam às 4 horas da manhã para buscar água no rio e trabalham no campo. Também precisam ser boas cozinheiras para se casarem e ainda precisam tirar os sapatos dos maridos quando eles chegam em casa. Os homens não ajudam quase nada e ainda podem ter duas mulheres. Nossa, que costumes estranhos!





## Contos e causos DE UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS

De que todos já ouvimos muitas histórias na vida, ninguém duvida. Basta cutucar nossa memória e muitos enredos tornam-se presentes novamente, vivos e cheios de afeto. Além de nossos pais, avós, tios, irmãos, muitos de nós ouvimos causos e contos da boca de contadores de histórias. Já pensou como essa profissão é bonita e importante?



Foi por causa de seus filhos que Simone percebeu que poderia dedicar-se mais a contar histórias, não apenas para os dois pequenos que tinha em casa, mas para muitas crianças de Indaiatuba. Acostumada a boas narrativas, **Simone Lino de Oliveira e Souza** contou sua própria história e trechos interessantes de sua vida a alguns alunos, que nos escreveram:

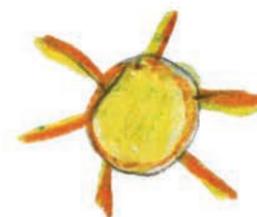
**A** história com seu marido começa em seu trabalho, como secretária do pai dele. Seu patrão pediu para ela guardar um relógio de pulso que seu filho ia pegar mais tarde. Simone ficou com o relógio em seu pulso para não perder. Mais tarde chegou um moço todo sujo de graxa e pediu o relógio que estava com ela. Com muita vergonha, ela colocou as mãos para baixo, tirou o relógio do pulso e entregou para ele.

Depois de algum tempo, eles saíram várias vezes como amigos. Começaram a namorar e se casaram. Eles se casaram três vezes: no civil; na igreja messiânica e na católica. Nesse dia, ela se sentiu uma verdadeira princesa. A festa não estava planejada, mas depois teve até churrasco, porque casamento sem festa não dá, "né", disse o seu pai.

Com o nascimento de seus filhos, Renan e Patrick, ela começou a contar histórias para eles, e percebia que seus olhos brilhavam, então pensou: "Por que não contar história para outras crianças também?" Daí surgiu a oportunidade de ser contadora de história como voluntária para a Prefeitura de Indaiatuba, fazendo parte do Projeto Ler Faz Bem.

A sua maior tristeza é não trabalhar sempre como contadora de histórias para crianças, porque acredita que é muito gratificante e só traz alegrias e satisfação.

Em seu trabalho, contou várias histórias, como da Rapunzel, da Cinderela... mas a que contou mais vezes foi a história da Branca de Neve. A história real que marcou sua vida foi da Borboleta Azul. Seu irmão encontrou uma linda borboleta azul em 1978 em uma firma onde trabalhava e, sabendo da sua grande paixão por borboletas, ele a pegou e levou para Simone. Só que ele não sabia que ela a guardaria por 22 anos.

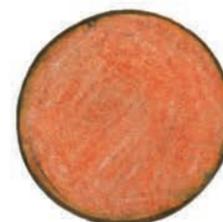




## Um caso a mais: quem tem MEDO DE ASSOMBRAÇÃO?

E quem é que não tem uma história de fantasma para contar? Acreditando ou não, quem tem uma história dessas certamente já passou por um grande susto, mesmo que tenha sido um engano.

Para Sebastião da Silva, foi o trabalho como coveiro que lhe rendeu uma das boas histórias que ele tem para contar, como nos narraram muito bem as crianças que o entrevistaram:

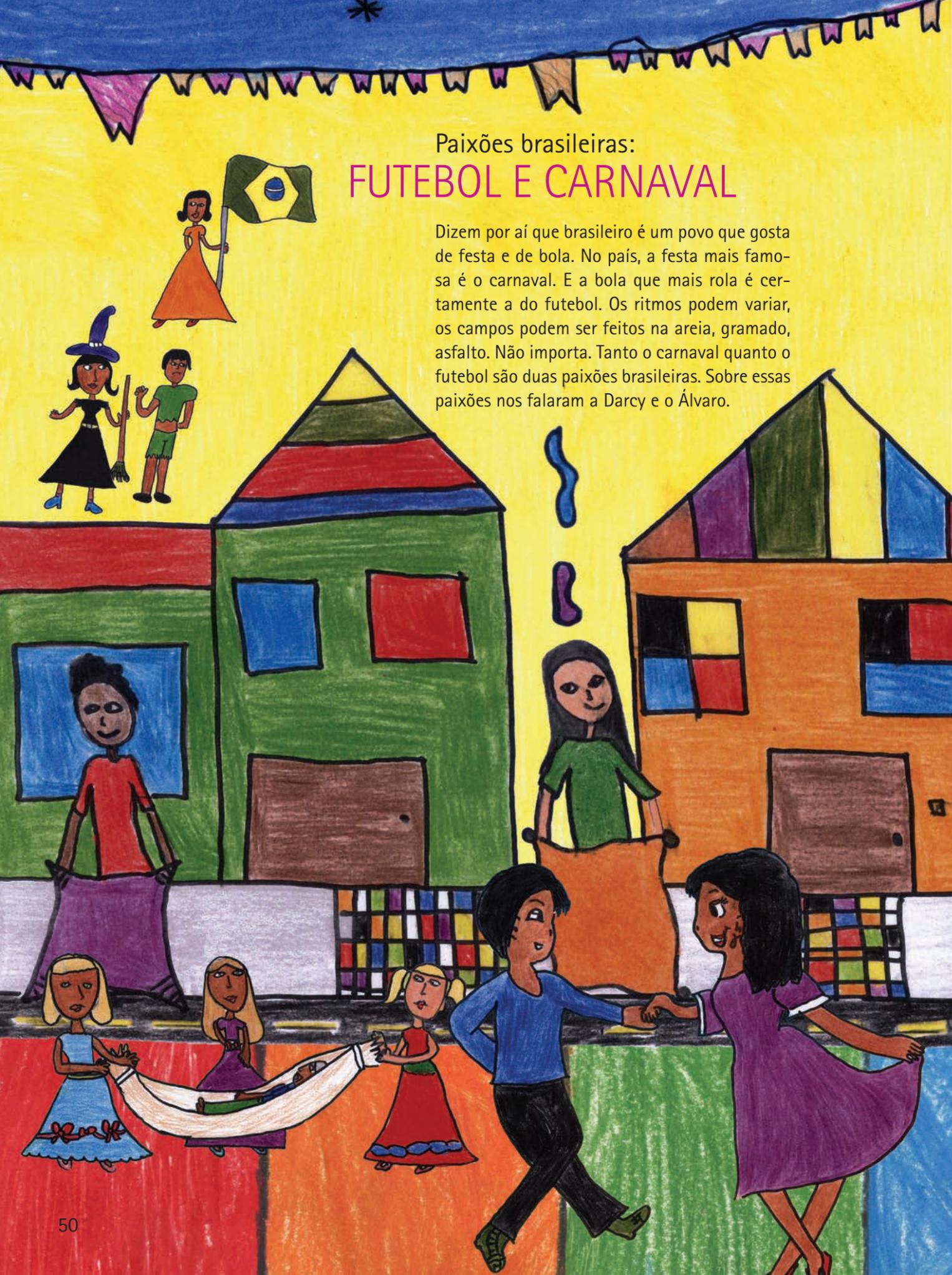


**S**eu Sebastião trabalhou também como coveiro. Nesse período, teve uma experiência engraçada, pois, enquanto trabalhava no cemitério, num dia de chuva, resolveu esperar o tempo melhorar numa capela cheia de rosas e, enquanto observava algumas fotos de pessoas falecidas, com as mãos para trás, o vento fez com que uma das rosas encostasse nas suas mãos – motivo suficiente para Seu Sebastião sair correndo da capela. Segundo ele, esse foi um dos acontecimentos mais marcantes de sua vida.



## Paixões brasileiras: FUTEBOL E CARNAVAL

Dizem por aí que brasileiro é um povo que gosta de festa e de bola. No país, a festa mais famosa é o carnaval. E a bola que mais rola é certamente a do futebol. Os ritmos podem variar, os campos podem ser feitos na areia, gramado, asfalto. Não importa. Tanto o carnaval quanto o futebol são duas paixões brasileiras. Sobre essas paixões nos falaram a Darcy e o Álvaro.



Fazendo jus à sua herança negra e brasilidade, uma das paixões de **Darcy Eugênio** é o carnaval, festa apreciada por toda a sua família. Nessa época, ela costuma sentir-se muito feliz e, pelo jeito, está sempre pronta para sair na avenida:

**Q**uando era jovem, passeava muito. Gostava muito de passear na Praça Prudente de Moraes. "Nessa época, era divertido", conta Darcy. "Os rapazes andavam de um lado e as mulheres do outro, até se encontrarem e paquerarem."

Adorava ir aos bailes, porém, quando não voltava na hora marcada pelos pais, ficava de castigo, ou seja, ficava proibida de sair no domingo.

Todo ano ela saía no carnaval. Teve um episódio muito engraçado. Sua mãe fez uma fantasia de papel crepom para ela. No dia do desfile, como estava muito calor, sua roupa começou a se desfazer e cair de seu corpo. Foi então que ela a tirou e ficou só de calcinha. Seu pai, que estava no bar, viu e ficou muito bravo. Pegou-a pelo braço e bateu nela até chegar em casa.

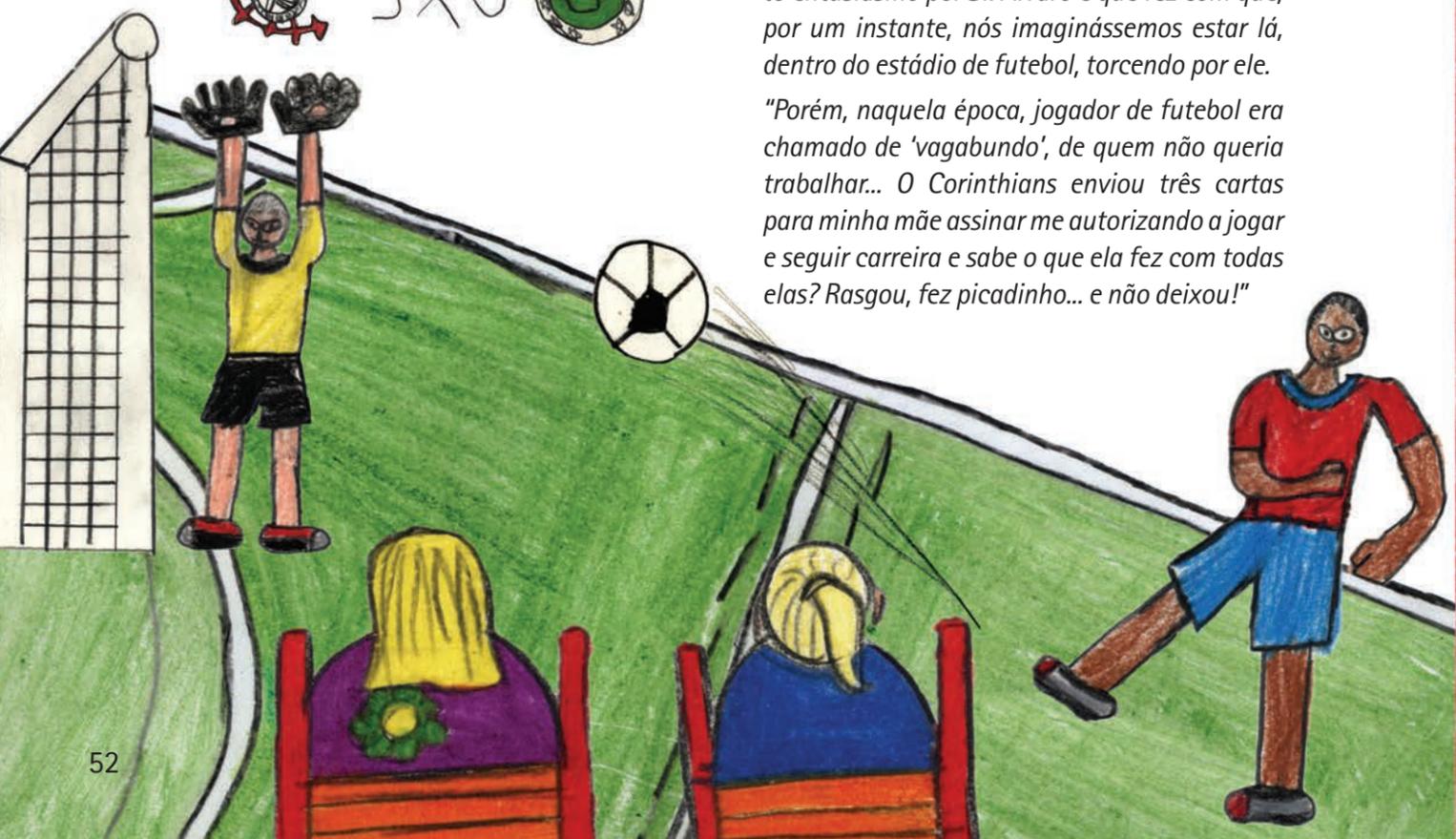
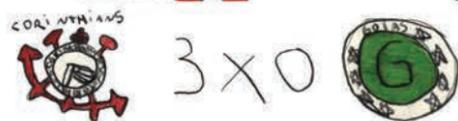
Mesmo com esse episódio, nunca deixou de sair no carnaval. Desde criança, ela e sua família participam dessa festa. Isso já é uma tradição! "Me sinto muito feliz nesta época de carnaval."

Hoje é casada, tem cinco filhos e netos. Todos saem no carnaval. "Quem mais desfila no carnaval somos eu e a minha filha Ana Paula, enquanto os outros trabalham na confecção de fantasia." Ela é Presidente da Escola de Samba Imperador.

Uma lembrança que tem em sua memória foi de um ano em que a porta-bandeira de sua escola adoeceu e ela então foi convidada a substituí-la. Nesse quesito, a escola tirou dez. A partir desse fato, todos os anos ela sai como porta-bandeira da escola.

Ela gosta de tudo que tem no carnaval: gosta das músicas e das cores das fantasias.

Já para **Álvaro Benedicto**, uma das grandes paixões de sua vida foi o futebol e, por pouco, não ficou conhecido como um grande craque do Corinthians:



**S**r. Álvaro foi incentivado e levado pelo cunhado para fazer um "Peneirão" que ia acontecer no time do Corinthians.

Antigamente, segundo ele, era assim que se falava para o que, nos dias de hoje, se chama fazer um teste para jogar no time.

Descreveu com brilho nos olhos a jogada que o fez ser escolhido para jogar:

"Passei a bola pra um, passei para outro e goal! Só o que eu não sabia e nem imaginava era que aquele para quem eu tinha passado a bola era o rapaz que tinha gravado o filme do craque Pelé. Vocês sabem quem é o Pelé, não é?", perguntou-nos Sr. Álvaro todo entusiasmado.

E o rapaz que tinha feito o filme disse assim para ele:

"Faça seu nome, rapaz! Eu já fiz o meu!"

"Aí, me enchi de coragem e, numa outra jogada, fiz um golaço!"

Depois disso, segundo ele, fez mais ou menos uns cinco gols, o que fez com que essa partida fosse realmente inesquecível!

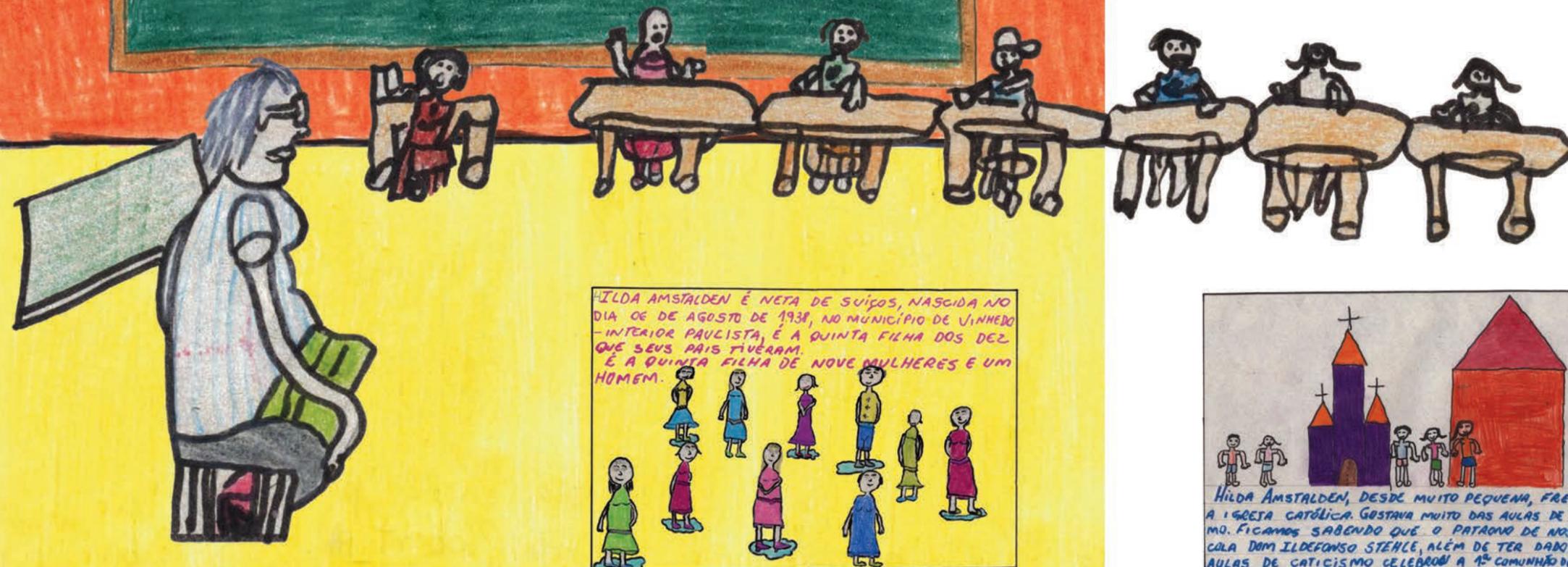
Vibramos com essa narrativa, contada com tanto entusiasmo por Sr. Álvaro e que fez com que, por um instante, nós imaginássemos estar lá, dentro do estádio de futebol, torcendo por ele.

"Porém, naquela época, jogador de futebol era chamado de 'vagabundo', de quem não queria trabalhar... O Corinthians enviou três cartas para minha mãe assinar me autorizando a jogar e seguir carreira e sabe o que ela fez com todas elas? Rasgou, fez picadinho... e não deixou!"



## Memórias de ESCOLA

Quanto tempo de nossas vidas passamos na escola? Que lembranças guardamos dessa época? De que escola falaram os entrevistados do Projeto Memória Local? Maria Isabel e Hilda nos falam de experiências muito diferentes, mas com aspectos comuns: o afeto e a admiração pelas professoras que as ensinaram.



Hilda Amstalden viveu uma história bem peculiar em sua vida escolar. Ela estudava dentro de uma comunidade de imigrantes suíços em Indaiatuba, chamada Colônia Helvetia.

Quando criança, Hilda gostava muito de brincar. Das brincadeiras, as de que mais gostava eram casinha, bola, peteca e boneca (feitas de palha ou pano).

Como era de família numerosa, Hilda sempre teve bastante amigos e amigas, incluindo suas irmãs, irmão, primas e primos.

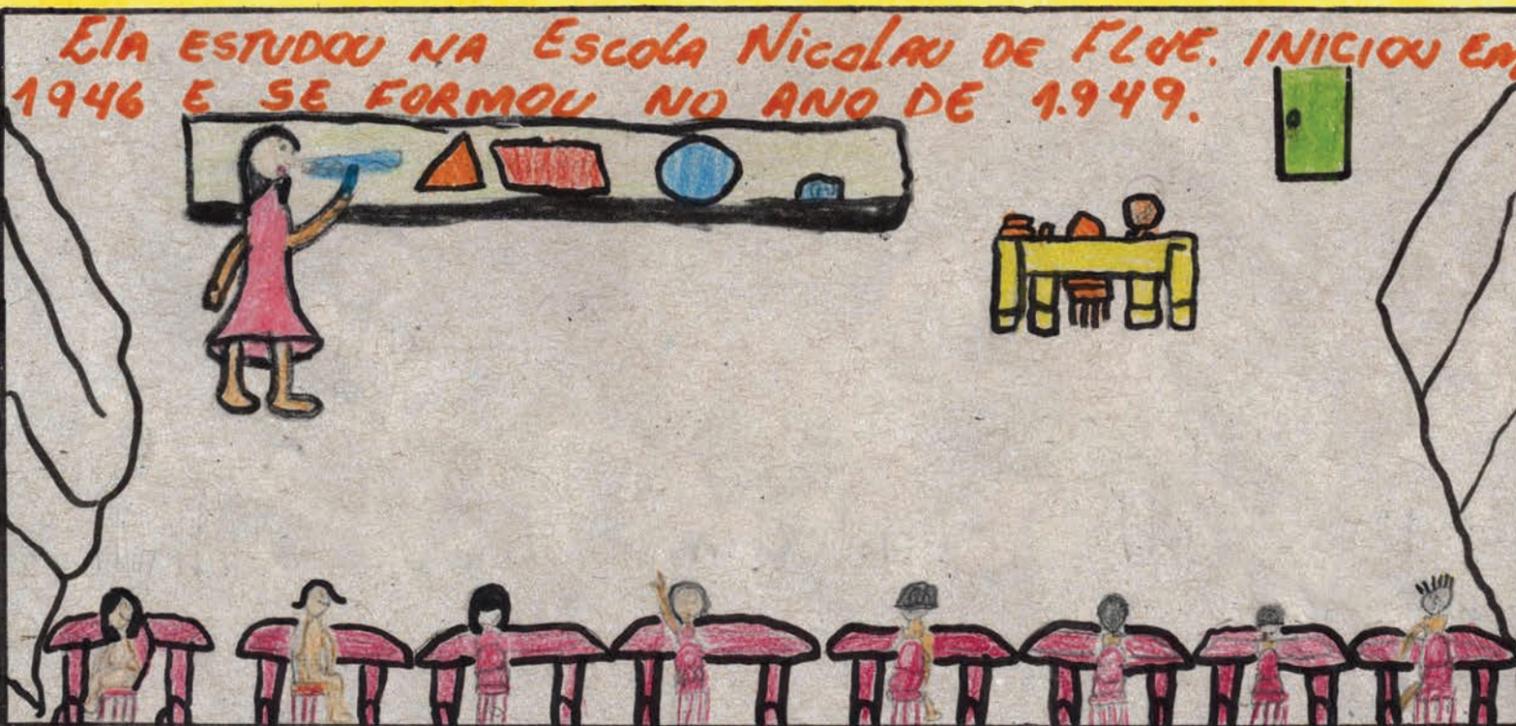
Frequentou a escola do 1º ao 4º ano, estudou os quatro anos com a mesma turma. A classe era composta por oito crianças, sendo quatro meninas e quatro meninos. Estudou na Escola Nicolau de Flüe; iniciou em 1946 e se formou no ano de 1949.

Ao relembrar os quatro anos em que frequentou a escola, Dona Hilda nos relatou com um bonito sorriso estampado no rosto que gostava muito de estudar.



Sua prima e professora Dona Leonor era muito brava, mas ensinava muito bem.

Dona Hilda se lembrou dos castigos que recebiam quando não faziam as lições corretamente. "Quando isso acontecia, tínhamos que ficar horas a mais na escola estudando com a professora até aprendermos a lição direito", disse ela.





**Maria Isabel Seabra Pigatto** não apenas passou sua infância e adolescência na escola, como seguiu a profissão de professora. Aos alunos que a entrevistaram, Maria Isabel comentou sobre a influência de uma professora que ela admirava muito quando pequena.

Ela era uma menina muito curiosa, crescendo nesta cidade pacata, com ruas de terra, poucos habitantes, onde todas as famílias se conheciam.

Ela e suas amigas Sonia, Tereza, Ivone e Ana brincavam o dia todo, até anoitecer, e suas brincadeiras preferidas eram pular corda e jogar queimada. Maria Isabel adorava aquela vida livre e feliz.

Às vezes ia a Campinas visitar sua avó, em uma casa com quintal grande, onde passava a linha do trem e sua avó levantava a cancela para ele passar, enquanto ela ficava olhando da porteira.

Seu pai era carpinteiro, lia muito e também escrevia poesias. Mais tarde se tornou corretor de imóveis. Homem muito enérgico, fazia questão de que seus filhos estudassem. Assim, Maria Isabel foi crescendo, incentivada por seu pai para os estudos.

Sua mãe era dona de casa e também costurava roupas para as meninas ricas da cidade, pois, naquela época, não havia lojas de roupas prontas, somente de tecidos.

Uma de suas professoras inesquecíveis foi Dona Áurea Moreira da Costa, que a alfabetizou. Uma mulher linda, de cabelos negros e compridos, sempre bem vestida – salto alto, saia preta justa com bolsos – um exemplo para a menina que a imitava enquanto criança na sua maneira de se vestir, agir... Na idade adulta, continuou a imitá-la até na profissão.



Dona Áurea era muito caridosa, fazia queijadinhas e as vendia para comprar enxoval para as crianças pobres.

Certa vez, Maria Isabel teve que faltar na escola. Ficou em casa brincando de escolinha e, para imitar a professora, amarrou uma blusa de lã do lado avesso na cintura, pois assim ficaria idêntica à saia da professora, com as mangas no lugar dos bolsos laterais.

Naquela época, as professoras iam à casa dos alunos faltosos para verificar o motivo da falta, e Dona Áurea foi até a sua casa.

Entretida com a brincadeira, Maria Isabel não percebeu a chegada da professora, que, ao vê-la quase igual a ela, deu um grande sorriso. A menina ficou envergonhada e sua mãe explicou à professora o motivo de sua falta na escola.

O tempo passou e Maria Isabel cresceu. Apesar de esperta e curiosa, a menina apresentava algumas dificuldades de aprendizagem na escola.

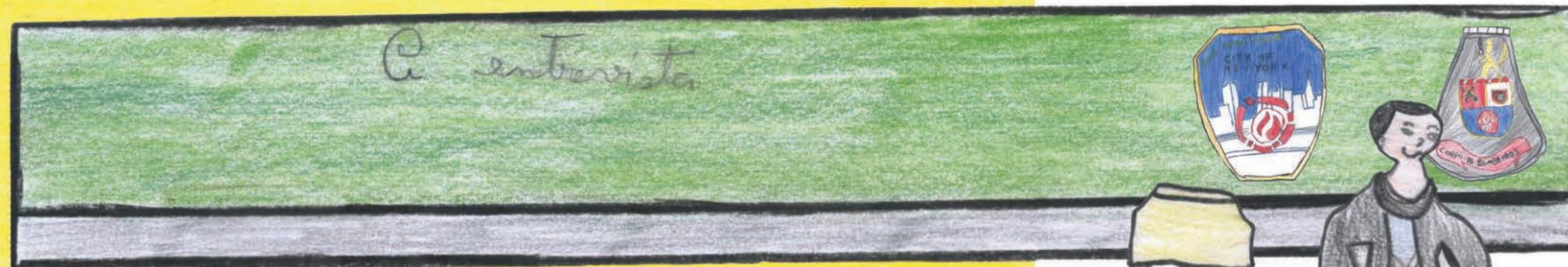
Certa vez, quando estava na 4ª série, estudando com a Dona Iolanda, fez uma prova de leitura e ficou curiosa para saber a sua nota.

Ela havia visto que a professora havia guardado a folha com as notas na sua gaveta, mas, naquele tempo, ninguém mexia nas coisas da professora, ficando as gavetas e armários sem cadeados ou fechaduras.

Apesar disso, a curiosidade foi maior, e ela e sua amiga esperaram todos saírem da sala, entraram e foram remexer nas provas. De repente surge a professora e as pega no flagra.

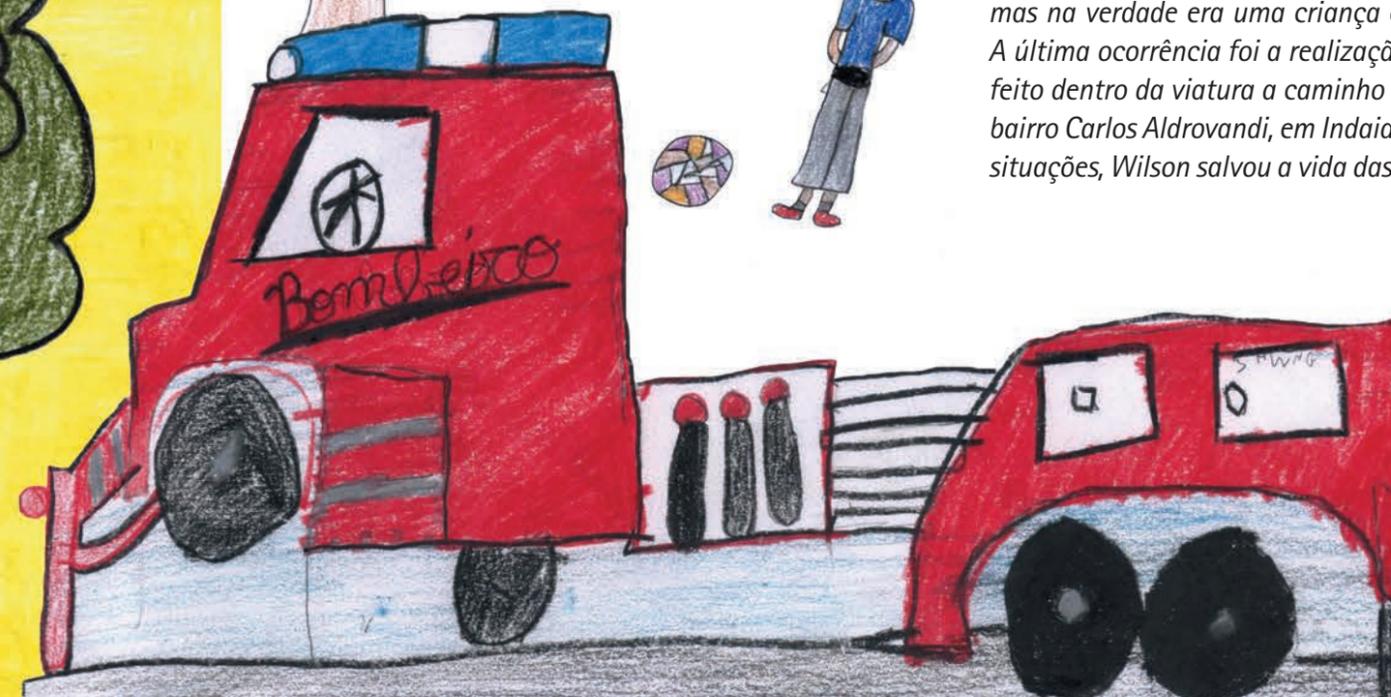
Como castigo, tiveram que escrever cem vezes: "Não devo mexer nas coisas da professora." Seu pai ficou muito bravo e aumentou o castigo, exigindo que ela escrevesse o dobro, cem vezes pela professora e cem vezes por ele. Naquele dia, Maria Isabel ficou com a mão doendo de tanto escrever.





## Trajetos e escolhas PROFISSIONAIS

Muitas vezes, nossas escolhas profissionais estão extremamente ligadas à infância: aos sonhos de criança, ao que vivemos enquanto alunos. Quem não teve o sonho de ser bombeiro ou professor?



Esse parece ter sido exatamente o caso de **Wilson Fernandes** e de Aparecido Messias Paula Leite Barros, que têm boas histórias para contar sobre seus destinos profissionais.

**E**m 1984, Wilson foi estudar na Escola Preparatória de Soldados e, no dia 26 de outubro desse mesmo ano, passou a fazer parte da corporação do Corpo de Bombeiros em São Paulo. Quando se mudou para Indaiatuba, no seu local de trabalho ficou sendo conhecido como "Branco Bombeiro".

Os fatos marcantes ocorridos durante esses 23 anos de trabalho são muitos. Nos anos em que trabalhou no Corpo de Bombeiros, teve muitas alegrias, bastante trabalho e nunca teve tristeza. Relatou que "a tristeza nós esquecemos, guardamos num cantinho". Mas, para Wilson, toda vez que saía para uma ocorrência e salvava alguém, já valia muito.

A primeira e a última ocorrência vividas por Wilson foram com crianças. Na primeira, prestava socorro em um incêndio e, quando entrou na casa, esbarrou em alguma coisa que achou ser uma boneca, mas na verdade era uma criança caída no chão! A última ocorrência foi a realização de um parto, feito dentro da viatura a caminho do hospital, no bairro Carlos Aldrovandi, em Indaiatuba. Nas duas situações, Wilson salvou a vida das crianças.





Para **Aparecido Messias**, virar professor foi certamente um jeito de não sair da escola.

**N**o dia de sua formatura de terceiro colegial, na Igreja Candelária, o nosso conhecido professor Cido ficou emocionado, e seu colega perguntou por que estava chorando. Ele respondeu que era porque nunca mais voltaria à escola. O colega disse que, se fosse professor, sempre estaria lá. Assim, decidiu que seria professor e ficaria feliz. Resolveu prestar o vestibular para o curso de História, pois tinha facilidade em memorizar fatos e informações. Entrou na faculdade com 26 anos e, com 29, já estava lecionando.



Com nomes quase iguais, dois entrevistados falam de escolhas que prestaram homenagens bem especiais. No caso de **Aparecida Araújo Camelo da Silva**, dentre muitas possibilidades, a religião acabou decidindo.

**A**parecida de Araújo Camelo da Silva não tem esse nome à toa. A sua mãe, por motivos religiosos, pensou em cinco nomes e acabou escolhendo o que homenageava Nossa Senhora Aparecida.

E se há uma Aparecida, há também o **Aparecido**, de quem já falamos um pouco na revista. Além da religião, as homenagens familiares também foram importantes ingredientes na escolha do nome de Aparecido Messias.

*Aparecido Messias Paula Leite de Barros, o professor Cido, recebeu o primeiro nome em homenagem a Nossa Senhora Aparecida e, o segundo, por causa do avô, Manoel Messias de Paula Leite.*

## Por que cada um tem O NOME QUE TEM?

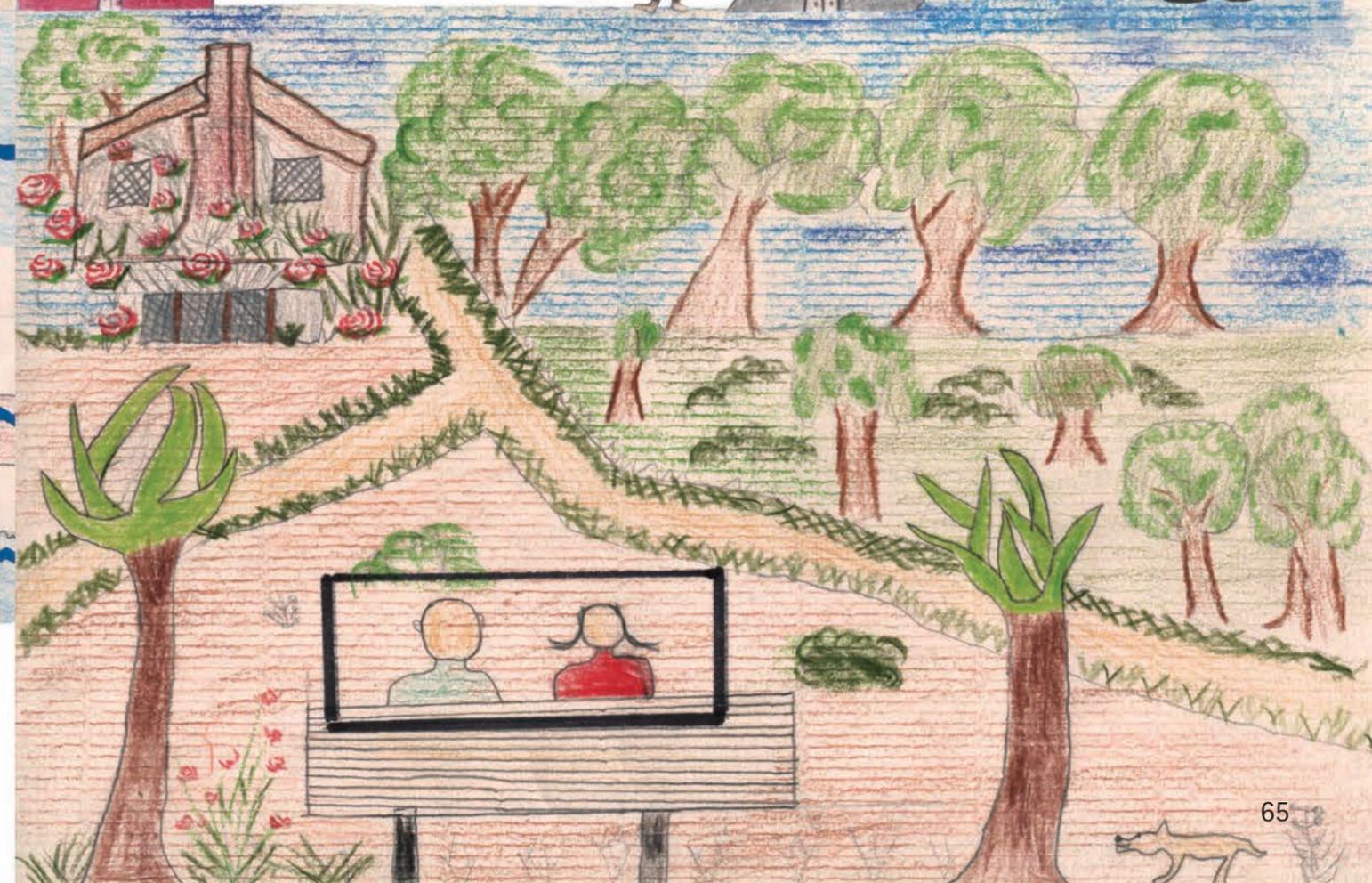
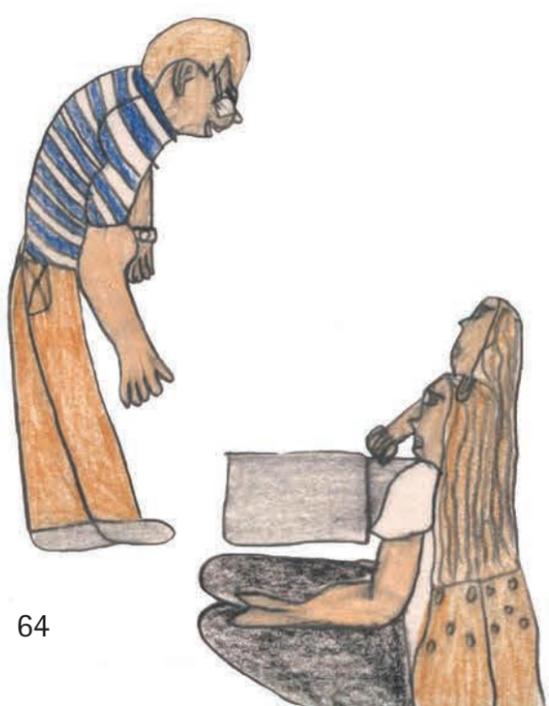
A escolha de um nome não mostra apenas o gosto dos pais. Um nome pode carregar muitos sonhos, promessas e desejos de que algo seja vivido pela criança que nasce. Um nome pode expressar uma vontade de que a criança tenha características daquele que foi homenageado. Olhando dessa maneira, podemos até nos questionar: um nome pode selar um destino?

Isso não sabemos, mas que os nomes têm história, isso eles têm. Tem nome de santo, nome de familiares queridos, de gente importante, de cantor e de artista. Tem até nome inventado.



E por falar em avô, não poderíamos deixar de contar aqui a história do **Paulo Donizete Polato**, que também tem uma curiosidade para contar sobre seu nome e sobre sua relação próxima e especial com o avô, de quem Paulo foi quase um filho.

**P**rimero filho do casal Pedro Polato e Cecília Garcia Polato, foi escolhido para morar com os avós paternos, por tradição, sendo que eles tinham direito à escolha do seu nome. Seu avô escolheu o nome Paulo e, para completar, Donizete, porque era devoto do Padre Donizete, da região de Tambaú, São Paulo, e que veio a falecer naquele ano. Viveu toda sua infância nessa fazenda. Aos 14 anos, mudou-se para Arealva, porque seu avô faleceu. Adorava brincar de burquinha, jogar futebol e pão.





Você gostou de conhecer trechos das histórias de vida de alguns moradores de Indaiatuba? Então, acesse o site [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net). Vá até a coleção "Memória Local Indaiatuba 2010" e leia as histórias na íntegra.



## CRÉDITOS

### Instituto Museu da Pessoa.Net

Direção  
Karen Worcman

Formação  
Sônia London

### Instituto Avisa Lá

Presidente  
Lino de Macedo

Coordenação Executiva  
Sílvia Pereira de Carvalho

### Prefeitura Municipal de Indaiatuba

Prefeito  
Reinaldo Nogueira

### Secretaria Municipal de Educação de Indaiatuba

Secretária de Educação  
Rita de Cássia Trasferetti



## Projeto Memória Local na Escola em Indaiatuba - 2010

### Coordenação

Márcia Cristina da Silva  
Sônia Helena Dória London

### Formadoras

Heloísa Pacheco  
Simone Alcântara

### Coordenação no Município

Lucelaine Borges Zampolin Dias

## Revista *Indaiatuba em Revista - Novos olhares para a cidade e seus moradores*

### Edição dos Textos

Ana Carolina Carvalho

### Revisão dos Textos

Sílvia Balderama

### Produção Executiva

Isaac Patreze

### Projeto Gráfico

Fernanda Mascarenhas  
Renato Theobaldo

### Produção Gráfica

Praxinoscópio Produções

### Desenhos

Alunos participantes do Projeto Memória Local na Escola em Indaiatuba - 2010

### Textos

Professores e alunos participantes do Projeto Memória Local na Escola em Indaiatuba - 2010

### Impressão

Secretaria Municipal de Educação de Indaiatuba

## Escolas e professores participantes

EMEB Prof. Aparecido B. dos Santos  
Claudia Roberta Soliani  
Cricila Gomes Benedicto Perez das Neves

EMEB Prof. Antonio Luís Balamnutti  
Rosimeire de Andrade

EEMEB Doardo Borsari  
Daniela Cristina Lourenço da Cunha Krahembuhl

EMEB Dom Ildelfonso Stehle  
Elisandra Mara dos Santos Camilo

EMEB Profª Elizabeth de L. C. Sigrist  
Fernanda Vignoto Scicia de Moraes  
Barbara Estevam da Silva

EMEB Prof. João Batista de Macedo  
Regina Aparecida Cabral Urbano

EEMEB Profª Maria Nazareth Pimentel  
Inês Aparecida de Paula Dean

EMEB Pe. Joaquim Ap. Rocha  
Marli Gonçalves Teixeira Alves

EEMEB Profª Aurea Moreira da Costa  
Raquel Rodrigues Leite Silverio

EMEB Profª Maria Benedicta Guimarães  
Ana Maria Ihmes da Silva

EMEB Profª Maria José de Campos  
Lucelia Pereira Avila Andrade

EMEB Profª Maria Albertina Bannwart Berdu  
Vera Lucia Mota Fernandes

EMEB Profª Sylvia Teixeira de Camargo Sannazzaro  
Andrea Cristina Eduardo

EMEB Profª Patrocínia Robles Provenza  
Maria Neide Nogueira Aguiar  
Rosana Mara Megiato Duque

EMEB Profª Yolanda Steffen  
Maria Imaculada Conceição Zimmermann  
Rita Aparecida Ferigatte de Almeida

EMEB Profª Maria Cecília Ifanger  
Silvana Maria Lima

EMEB Prof. Leonel V. Ribeiro  
Monica de Carvalho Luz

EMEB Prof. Wellington L. Soares  
Ana Maria Ramos Carvalho  
Fabiana Xavier Pereira Fernandes

EMEB Prof. Nízio Vieira  
Elizangela Cristina Ramos

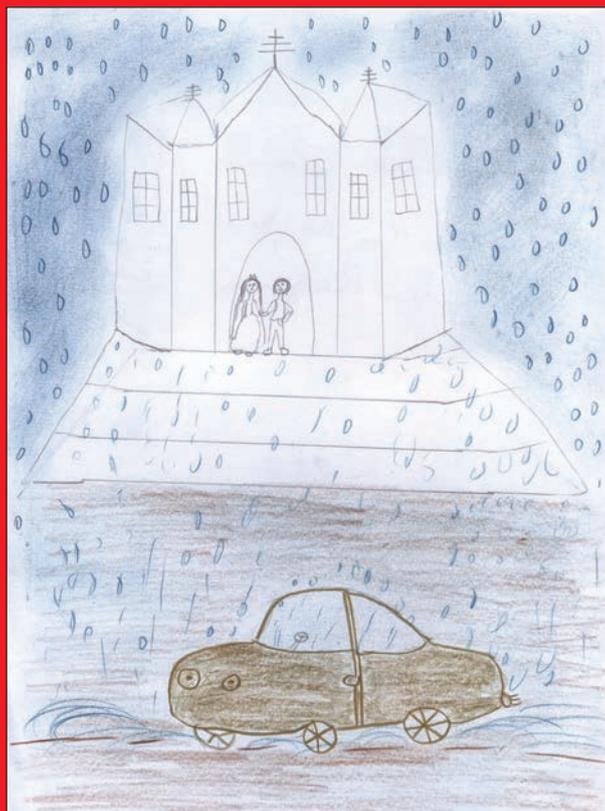
EEMEB Prof. Osório G. e S. Filho  
Débora Taverna

EMEB Prof. Sérgio Mário de Almeida  
Maria Roseli Canalli da Silva  
Rosiana de Lourdes Marciano Godoy

EMEB Vicente Bernardinetti  
Tatiana Cristina de Godoy Leopoldino

EMEB Prof. Wladimir Olivier  
Cristiane Trevizan





Realização



Patrocínio



Parceria

